

*Coleção: Documenta S.J. — 12*

Coleção: DOCUMENTA S.J.

1. Vida religiosa do jesuíta
2. Congregação Geral XXXIII — Decretos e Documentos
3. Guia Vocacional da Companhia de Jesus no Brasil
4. Características da Educação da Companhia de Jesus
5. Antigos Alunos dos Jesuítas
6. Carta dos Princípios
7. Jornada Latino-americana sobre as Características da Educação da Companhia de Jesus
8. Nossa vida de jesuítas
9. 1º Congresso Inaciano de Educação
10. Índice analítico das Características da Educação da Companhia de Jesus
11. Pastoral Popular — Fundamentação Inaciana
12. Pedagogia Inaciana — uma proposta prática

**PEDAGOGIA  
INACIANA**  
**uma proposta prática**



*Edições Loyola*

Tradução:  
*Pe. Mauricio Ruffier, S.J.*

**Edições Loyola**  
Rua 1822, 347 — Ipiranga  
04216-000 — São Paulo — SP  
Caixa Postal 42.335  
04299-970 — São Paulo — SP  
☎ (011) 914-1922  
FAX: (011) 63-4275

ISBN: 85-15-00882-3

© Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1993

# ÍNDICE

CARTA DO SUPERIOR GERAL DOS JESUÍTAS AOS SUPERIORES PROVINCIAIS APRESENTANDO O DOCUMENTO PEDAGOGIA INACIANA .....	7
PRÓLOGO .....	12
NOTAS INTRODUTÓRIAS .....	16
PEDAGOGIA INACIANA .....	22
Objetivo da Educação da Companhia de Jesus	23
Para uma Pedagogia pela Fé e a Justiça .....	25
A Pedagogia dos Exercícios Espirituais .....	32
Relação Professor-Discípulo .....	35
O Paradigma Inaciano .....	38
Dinâmica do Paradigma .....	42
Um processo contínuo .....	65
Traços predominantes do Paradigma Pedagógico Inaciano .....	66
Objeções à prática da pedagogia inaciana .....	70
Da teoria à prática: Programas para a Formação do Professorado .....	78
Alguns apoios concretos para entender o Paradigma .....	80
Convite à cooperação .....	80
APÊNDICES: ÍNDICE .....	82
APÊNDICE I: ALGUNS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS IMPORTANTES. ANOTAÇÕES INACIANAS .....	84

APÊNDICE II: A PEDAGOGIA INACIANA HOJE ....	89
<i>Discurso do Pe. Peter-Hans Kolvenbach</i>	
Contexto: O humanismo cristão hoje .....	89
Resposta da Companhia a este contexto .....	92
Diretrizes pedagógicas .....	99
O Papel do professor é crucial .	105
Métodos .....	107
Conclusão .....	113
APÊNDICE III:EXEMPLOS DE MÉTODOS PARA AJUDAR OS PROFESSORES NO USO DO PARADIGMA PEDAGÓGICO INACIANO .....	116

# CARTA DO SUPERIOR GERAL DOS JESUÍTAS AOS SUPERIORES PROVINCIAIS APRESENTANDO O DOCUMENTO PEDAGOGIA INACIANA

REVERENDO E CARO PADRE:

A Paz de Cristo!

Desde a publicação das *Características da Educação da Companhia de Jesus*, há sete anos, muitos educadores do mundo inteiro manifestaram sua gratidão por este documento. Educadores leigos e jesuítas descobriram nele uma visão nova, atual e ao mesmo tempo arraigada na espiritualidade inaciana. As *Características* acenaram, sobretudo, com idéias e objetivos que permitiram a nossos colégios e universidades avaliar seus esforços nesse importantíssimo ministério da educação.

Enquanto as *Características* confirmavam de maneira inédita os princípios inspiradores do nosso

trabalho educativo, muitos jesuítas e colaboradores solicitaram nesses últimos anos ajuda para pô-los em prática. Perguntaram-se: como podemos introduzir na sala de aula todos esses valores, princípios e diretrizes? Como podemos conseguir que nós mesmos e nossos colegas de trabalho realizemos na prática esses magníficos ideais? Como podemos incorporar a espiritualidade das *Características* nos pormenores concretos da nossa vida cotidiana?

A Comissão Internacional do Apostolado Educativo da Companhia (ICAJE) dedicou algum tempo à elaboração duma resposta prática a essas perguntas. Sem demora, caiu na conta de que uma renovação prática e eficaz deve visar à comunidade educativa e especialmente aos professores. A ICAJE precisava de um modelo, um paradigma que impulsionasse nossos ideais educativos e não destoasse das realidades práticas do processo de ensino e aprendizagem escolar. O Decreto I da 33ª Congregação Geral sugeria um padrão, ao exortar-nos à revisão dos ministérios da Companhia que incluíse, entre outros, “a mudança dos modos de pensar, que se obtém exercitando-se num esforço constante de integrar experiência, reflexão e ação” (n. 40). Fiel ao modo de proceder inaciano, esta tríplice pista contém uma sugestão para dar cumprimento às *Características* no quadro escolar cotidiano.

Ao elaborar este Paradigma, a ICAJE notou que, para ser completo, o novo modelo devia le-



var em conta o contexto das experiências dos alunos e a avaliação, como fase essencial de toda a aprendizagem. Daí resultaram cinco etapas, incluídas no *Paradigma Pedagógico Inaciano*: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. Envio-lhe um exemplar de *Pedagogia Inaciana: Uma proposta prática*, que expõe o Paradigma Inaciano e o projeto subsequente.

A ICAJE pensou, com toda a razão, que um Projeto de Pedagogia Inaciana devia conter algo mais do que um documento introdutório. Para serem eficientes, os professores precisariam familiarizar-se com os métodos pedagógicos que o animam. Assim, uma vez elaborado o Paradigma Pedagógico Inaciano, a ICAJE tinha outras duas tarefas a executar. A primeira, formular uma declaração que explicasse a filosofia e os processos do Paradigma, que apresento nesta carta. A segunda, dar início a um programa de preparação do professorado para ensinar e difundir a pedagogia inaciana em nível regional, nacional e local. Este foi o objetivo do recente encontro internacional realizado em Villa Cavalletti (Roma), de 20 a 30 de abril. Projetado especificamente para iniciar este programa, delegados de 26 países se reuniram para tomar conhecimento do Paradigma, ensaiar a aplicação de seus vários componentes e elaborar projetos estratégicos de três a quatro anos de duração para capacitar outras pessoas no ensino do Paradigma em seus respectivos países.

Depois desta informação preliminar, faço-lhe dois pedidos. Primeiro, convido-o a ler este documento — *Pedagogia Inaciana, uma proposta prática* —, que situa claramente o Paradigma no seio da nossa tradição espiritual e educativa. Peço-lhe que, como foi feito com as *Características da Educação da Companhia de Jesus*, dê também a este a máxima publicidade entre os professores, jesuítas e leigos, de suas instituições educativas e centros de ensino não formal. Sugiro que cada professor, dirigente e membro da direção dos centros de ensino, bem como nossos colaboradores em centros de ensino formal e informal da sua Província disponha de um exemplar. Um resumo do mesmo poderia ser distribuído entre os pais de alunos. Em muitos casos, isto importará numa tradução, e sempre numa edição, em forma atraente, que facilite a leitura. Para tanto, poderia valer-se do seu Delegado de Educação, possivelmente em colaboração com os demais Superiores Maiores do seu país ou Assistência.

O que mais importa, porém, não é o número de leitores a atingir, mas o grau de renovação que a leitura inspire no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula. Em vista disso, meu segundo pedido, ainda mais importante. Rogo-lhe que preste o seu mais firme apoio às equipes regionais ou provinciais que projetam e dirigem os programas de preparação a longo prazo em nossas escolas, colégios e universidades, bem como em cen-

tros de ensino formal e informal, para capacitarem os nossos professores na aplicação do Paradigma Pedagógico Inaciano. A realização do projeto deverá levar em consideração as circunstâncias locais, sempre instáveis; cada país ou região deverá refletir sobre o significado e as conseqüências da Pedagogia Inaciana em suas respectivas situações locais e, por conseguinte, elaborar material suplementar para aplicação do presente documento e programa universal a suas necessidades concretas e específicas.

Concluindo, desejo agradecer aos membros da Comissão Internacional para o Apostolado Educativo da Companhia pela realização deste projeto e pelos planos para sua difusão no mundo inteiro. É um belo exemplo do “efeito multiplicador” e, como tal, autenticamente inaciano. Embora este documento já tenha passado por vários rascunhos, a redação final e definitiva será a que se efetuar quando sua mensagem houver logrado interessar e inspirar nossos professores e alunos. Ao recomendar-lhe este documento, peço a Deus que ele chegue a ser mais um passo importante rumo à consecução do nosso ideal de educadores: formar homens e mulheres que se distingam pela competência, integridade e espírito de serviço.

Fraternalmente em Cristo

**Pe. Peter-Hans Kolvenbach, S.J.**  
Superior Geral

Roma, 31 de julho de 1993

## PRÓLOGO

A publicação, em 1986, das *Características da Educação da Companhia de Jesus* despertou renovado interesse entre professores, dirigentes, alunos, pais e outras pessoas. Proporcionou-lhes um sentido de identidade e direção. O documento, traduzido em 13 línguas, tem sido o tema principal de seminários, reuniões e estudos. As reações foram francamente positivas.

Ultimamente, uma pergunta estava sendo formulada em vários lugares do mundo. Como tornar os princípios e a orientação das *Características* mais proveitosos para os professores? De que modo se podem incorporar os ideais inicianos numa pedagogia prática que, na aula, concorra para a interação entre professores e alunos?

O Conselho Internacional de Educação Jesuíta (ICAJE) trabalhou por mais de três anos para dar resposta a esta pergunta. Com a ajuda de contribuições e sugestões de educadores leigos e jesuítas de todo o mundo, escreveram-se sete rascunhos para

a presente publicação, que introduz o *Paradigma Pedagógico Inaciano*. Desde o início, porém, tínhamos a convicção de que um documento não poderia por si só ajudar os professores a realizar as adaptações que a educação inaciana exige, quanto ao enfoque pedagógico e aos métodos de ensino. Os membros do Conselho Internacional têm a convicção de que, para conseguir pôr em prática o *Paradigma Pedagógico Inaciano*, os programas de preparação do professorado, em cada Província e centro educativo, desempenham papel essencial. Os professores precisam de muito mais do que uma introdução teórica ao Paradigma. Necessitam de uma capacitação prática, que os mobilize e prepare para refletir sobre a experiência de uma aplicação confiante e eficaz destes novos métodos. Foi por isso que o ICAJE trabalhou desde o começo neste *projeto*, para ajudar os professores.

## **O PROJETO PEDAGÓGICO INCLUI:**

- 1) **um documento introdutório sobre o *Paradigma Pedagógico Inaciano***, como explanação da 10ª parte das *Características*; e
- 2) **um programa de preparação do professorado** em nível regional, provincial e local.

Os programas de iniciação do professorado deveriam durar de três a quatro anos para

uma capacitação e familiarização graduais com os enfoques pedagógicos inacianos.

No intuito de tornar este projeto efetivo e introduzir os programas de iniciação do professorado em nível de colégio, vários grupos de diversas Províncias estão estudando o *Paradigma Pedagógico Inaciano* e treinando-se no emprego dos correspondentes métodos de ensino. Todo este processo teve início numa reunião internacional celebrada em Villa Cavalletti, Roma, de 20 a 30 de abril de 1993. Seis educadores de cada continente (num total de uns 40, provenientes de 26 países) foram convidados a *capacitar-se*, ou seja, a conhecer, praticar e dominar alguns dos métodos pedagógicos mais relevantes. Estas pessoas, por sua vez, estão preparando seminários de capacitação para equipes de suas respectivas regiões geográficas e essas equipes, por sua vez, poderão iniciar em nível de colégio programas de preparação do professorado.

Sem o auxílio da equipe de capacitação da Villa Cavalletti e sem a generosidade dos participantes daquela reunião, não teria sido possível o processo de propiciar a nossos professores o Projeto Pedagógico Inaciano. Sou muito grato a todos eles, por se terem posto a serviço da educação da Companhia em nível verdadeiramente mundial.

Devo um agradecimento especial aos membros da Comissão Internacional para o Apostolado Educativo da Companhia (ICAJE), que tão assiduamente trabalharam, ao longo de três anos, redigindo sete rascunhos deste documento

introdutório, bem como elaborando os processos pedagógicos que contêm a substância do Projeto Pedagógico Inaciano. Os membros do ICAJE representam a experiência e os pontos de vista das mais remotas partes do mundo: PP. Agustín Alonso (Europa), Anthony Berridge (África e Madagascar), Charles Costello (América do Norte), Daven Day (Ásia Oriental), Gregory Naik (Ásia Meridional) e Pablo Sada (América Latina).

De antemão, agradeço aos Provinciais, seus Delegados de Educação, professores, dirigentes, membros da diretoria de colégios, cujo apoio e colaboração neste esforço global de renovação do nosso apostolado educativo é crucial.

Finalmente, quero fazer constar a generosa ajuda econômica recebida de três fundações, que desejam permanecer anônimas. A sua participação neste esforço é um exemplo notável de interesse e colaboração que caracterizam a comunidade educativa da Companhia.

**Pe. Vincent J. Duminuco, S.J.**  
Secretário de Educação  
da Companhia de Jesus

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

- (1) 1. Este documento deriva da décima parte das *Características da Educação da Companhia de Jesus*, como resposta às numerosas solicitações recebidas no sentido de que se formulasse uma pedagogia prática, que fosse coerente com aquele texto e transmitisse eficazmente a visão do mundo e os valores inacianos nele propostos. Essencial é, por isso, que o que aqui se diz seja entendido como fazendo parte do espírito e impulso apostólico inaciano fundamental que aparecem nas *Características da Educação da Companhia de Jesus*.
- (2) 2. O sistema pedagógico da Companhia de Jesus foi debatido em numerosos livros e trabalhos de pesquisa durante séculos. Neste documento, vamos tratar unicamente de alguns aspectos desta pedagogia, que sirvam de introdução a uma estratégia prática referente ao ensino-



aprendizagem. O *Paradigma Pedagógico Inaciano* aqui proposto nos ajudará a unificar e concretizar muitos dos princípios enunciados nas *Características da Educação da Companhia de Jesus*.

- (3) 3. Hoje, obviamente, um currículo universal para as escolas ou colégios dos jesuítas, semelhante ao proposto na *Ratio Studiorum* original, tornou-se impossível. Contudo, o que parece importante e de acordo com a tradição da Companhia é dispor de uma pedagogia sistematicamente organizada, cuja substância e métodos implementem a visão explícita da missão educativa contemporânea dos jesuítas. A responsabilidade de efetuar *adaptações* culturais se dá melhor em nível regional e local. Hoje, parece mais apropriado formular com caráter universal um *Paradigma Pedagógico Inaciano* capaz de ajudar professores e alunos a enfocar o próprio trabalho de tal modo que seja solidamente acadêmico e simultaneamente formador de “homens para os outros”.
- (4) 4. O paradigma pedagógico aqui proposto comporta um estilo e processo didáticos particulares. Exige a *inserção* do tratamento de valores e o crescimento pessoal, *dentro do currículo existente*, mais do

que acréscimos de cursos específicos. Estimamos que tal planejamento é preferível, não só por ser mais realista, em relação aos já sobrecarregados planos existentes na maioria das instituições educativas, mas também por ser este modo de proceder o mais eficaz para ajudar os alunos a interiorizar e agir de acordo com os valores inacianos propostos nas *Características da Educação da Companhia de Jesus*.

- (5) 5. Chamamos este documento *Pedagogia Inaciana* por destinar-se não só à educação formal nas escolas, colégios e universidades da Companhia, mas porque pode ser útil também a outros tipos de educação que, de uma forma ou de outra, estejam inspiradas na experiência de Santo Inácio compendiada nos *Exercícios Espirituais*, na quarta parte das *Constituições da Companhia de Jesus* e na *Ratio Studiorum*.
- (6) 6. A Pedagogia Inaciana inspira-se na fé. Todavia, mesmo aqueles que não compartilham esta fé podem descobrir neste documento expectativas válidas, já que a pedagogia que se inspira em Santo Inácio é profundamente humana e, por conseguinte, universal.

- (7) 7. Desde o começo, a pedagogia inaciana foi eclética na seleção de metodologias de ensino e aprendizagem. O próprio Inácio de Loyola adotou o “modus parisiensis”, sistema pedagógico usado na Universidade de Paris em sua época. Este método foi enriquecido com um conjunto de princípios pedagógicos previamente desenvolvidos por ele ao dar os *Exercícios Espirituais*. É natural que, no século XVI, os jesuítas não dispusessem de métodos formais, cientificamente comprovados, que hoje em dia se propõem, por exemplo, na psicologia pedagógica. A atenção individual prestada a cada aluno tornou esses professores jesuítas sensíveis ao que realmente podia concorrer para a aprendizagem e a maturidade humana. Compartilharam suas descobertas em numerosas partes do mundo, e comprovaram a validade universal de seus métodos pedagógicos. Estes métodos foram integrados na *Ratio Studiorum*, código de educação liberal, que chegou a se converter em norma para todos os seus colégios.
- (8) 8. No decorrer dos séculos, foram-se integrando na pedagogia da Companhia bom número de outros métodos específicos desenvolvidos mais cientificamente por outros educadores, *à medida que contribu-*

*íam para os fins da educação da Companhia.* Característica constante da pedagogia inaciana é a incorporação sistemática dos métodos hauridos de diversas fontes, que podem contribuir melhor para a formação integral, intelectual, social, moral e religiosa da pessoa.

- (9) 9. Este documento é só uma parte *de um projeto integral de renovação* visando a introduzir a pedagogia inaciana por meio da compreensão e prática de métodos apropriados para alcançar o objetivo da educação jesuíta. Por isso este texto deve ser acompanhado de programas práticos de capacitação pessoal, que ajudem os professores a assimilar com facilidade as estruturas de ensino-aprendizagem do *Paradigma Pedagógico Inaciano*, e de outros métodos específicos que facilitem seus usos. Para garantir este objetivo, vão ser preparados educadores leigos e jesuítas de todos os continentes, para serem capazes de liderar programas de desenvolvimento.
- (10) 10. O Projeto Pedagógico Inaciano destina-se em primeiro lugar aos professores. Pois é especialmente na sua interação com os alunos no processo de ensino-aprendizagem que se podem alcançar

as metas e objetivos educativos da Companhia. Como se relaciona o professor com seus alunos, como concebe a aprendizagem, como desafia seus alunos a buscar a verdade, o que espera deles, a integridade e os ideais do professor — fatores que têm todos um tremendo efeito formador no desenvolvimento do aluno. O Pe. Kolvenbach ressalta o fato de que “Santo Inácio antepõe claramente o exemplo pessoal do professor à sua ciência ou talento oratório, como meio apostólico de ajudar o aluno a desenvolver-se nos valores positivos” (cf. Apêndice 2, 142). Compreende-se facilmente que, nos colégios, os diretores, equipes de coordenação, funcionários e outros membros da comunidade desempenham funções chave, indispensáveis no que se refere a criar o ambiente e processos de aprendizagem que possam favorecer os objetivos da pedagogia inaciana. Por esta mesma razão, importa fazê-los participar do projeto.

## PEDAGOGIA INACIANA

- (11) A pedagogia é o caminho pelo qual os professores acompanham o crescimento e desenvolvimento dos seus alunos. A pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida a mera metodologia. Deve incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar. Isto indica o objetivo e fim para o qual se orientam os diversos aspectos duma tradição educativa. Também proporciona os critérios para a seleção dos recursos a serem usados no processo da educação. A visão do mundo e o ideal da educação da Companhia em nossos dias foram expostos nas *Características da Educação da Companhia de Jesus*. A *Pedagogia Inaciana* assume esta visão do mundo e avança mais um passo, sugerindo modos mais explícitos que permitam aos valores inacianos integrarem-se no processo de ensino-aprendizagem.

## OBJETIVO DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

- (12) Qual é o nosso objetivo? As *Características da Educação da Companhia de Jesus* nos proporcionam uma descrição que foi ampliada pelo Pe.Geral Peter Hans Kolvenbach:

“A promoção do desenvolvimento intelectual de cada aluno, para desenvolver os talentos recebidos de Deus, continua sendo com razão um objetivo de destaque da educação da Companhia. Todavia, a sua finalidade jamais foi simplesmente acumular quantidades de informação ou preparo para uma profissão, embora sejam estas importantes em si e úteis para a formação de líderes cristãos. O objetivo supremo da educação jesuíta é, antes, o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação, ação inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo, filho de Deus e ‘Homem para os outros’.

Este objetivo orientado para a ação baseia-se numa compreensão reflexiva e vivificada pela contemplação, e desafia os alunos ao domínio de si mesmos e à iniciativa, integridade e exatidão. Simultaneamente, distingue as formas de pensar fáceis e superficiais, indignas do indivíduo, e sobretudo perigosas para o mundo que eles e elas são chamados a servir.”<sup>1</sup>

---

1. *Características*, n. 167; Pe. Peter-Hans Kolvenbach, *Discurso na Universidade de Georgetown*, 7 de julho de 1989.

- (13) O Pe. Arrupe resumiu tudo isso declarando que a nossa meta educativa é a “formação de homens e mulheres para os outros”. Pe. Kolvenbach descreveu o aluno formado num colégio jesuíta como uma pessoa “equilibrada, intelectualmente competente, aberta ao progresso, religiosa, amável e comprometida com a justiça no serviço generoso do povo de Deus”. Ele também define o nosso objetivo quando diz: “Prendemos formar líderes no serviço e imitação de Cristo Jesus, homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão”.
- (14) Tal objetivo requer uma formação total e profunda da pessoa humana, um processo educativo que aspire à excelência, um esforço de superação no desenvolvimento das próprias potencialidades, que integre o intelectual, o acadêmico e todo o resto. Procura alcançar uma excelência humana, cujo modelo é o Cristo do Evangelho, uma excelência que reflita o mistério e a realidade da Encarnação, uma excelência que respeite a dignidade de todo o mundo, e a santidade de toda a criação. Há inúmeros exemplos na história de uma excelência educativa concebida estreitamente, de pessoas muito adiantadas do ponto de vista intelectual, mas que ao mesmo tempo perma-



necem sem um adequado desenvolvimento emocional, e moralmente imaturas. Estamos começando a perceber que a educação não humaniza necessariamente nem transmite valores cristãos às pessoas e à sociedade. Vamos perdendo a fé na idéia ingênua de que toda a educação, prescindindo da sua qualidade, empenho ou finalidade, conduz à virtude. Por conseguinte, percebemos cada vez mais claro que, se nossa educação aspira exercer influência ética na sociedade, devemos conseguir que o processo educativo se desenvolva tanto no plano moral como intelectual. Não queremos um programa de doutrinação que abafe o espírito; nem tampouco pretendemos organizar cursos teóricos especulativos e alheios à realidade. Precisamos é de um padrão na busca do modo de abordar os problemas e valores da vida, e professores capazes e dispostos a orientar esta busca.

## **PARA UMA PEDAGOGIA PELA FÉ E A JUSTIÇA**

- (15) Os jovens deveriam sentir-se livres para seguir o caminho que lhes permita crescer e desenvolver-se como seres humanos. Não obstante, o nosso mundo tende a considerar o objetivo da educação em termos ex-

cessivamente utilitários. A ênfase exagerada posta no êxito econômico pode contribuir para exacerbar a competitividade e a obsessão por interesses egoístas. Como resultado, o que há de humano numa matéria ou disciplina específica, passa despercebido à consciência do aluno. E isto pode chegar facilmente a ofuscar os valores reais e os objetivos duma educação humanista. Para evitar tal distorção, os professores dos colégios da Companhia expõem os temas acadêmicos numa perspectiva humana, pondo ênfase em descobrir e analisar as estruturas, relações, fatos, questões, intuições, conclusões, problemas, soluções e implicações que, em cada disciplina concreta, iluminam o sentido do ser pessoa. A educação, por conseguinte, deve chegar a ser uma investigação ciosamente ponderada, mediante a qual os alunos formam ou reformam suas atitudes costumeiras diante dos outros e ante o mundo.

- (16) Do ponto de vista cristão, o modelo da vida humana e, portanto, o ideal do indivíduo educado humanamente — é a pessoa de Jesus. Ele nos ensina com sua palavra e exemplo que, em última análise, a realização da nossa capacidade humana em plenitude consegue-se graças à nossa união com Deus, união que se procura e alcança

no relacionamento amoroso, justo e compassivo com nossos irmãos. Então, o amor de Deus encontra sua expressão autêntica em nosso amor cotidiano ao próximo, em nossa solicitude compassiva pelos pobres e sofredores, em nossa preocupação profundamente humana pelos outros como povo de Deus. É um amor que dá testemunho de fé e se exprime pela atuação em prol de uma nova comunidade de justiça, amor e paz.

- (17) Hoje, a missão da Companhia de Jesus, como ordem religiosa dentro da Igreja Católica, é “o serviço da fé, da qual a promoção da justiça é elemento essencial”. Missão arraigada na crença de que um novo mundo de justiça, amor e paz precisa de gente formada e com competência profissional, responsabilidade e compaixão; homens e mulheres que estejam preparados para acolher e promover tudo o que for realmente humano, comprometidos no trabalho em favor da liberdade e dignidade de todos os povos, e decididos a agir assim, em cooperação com outros igualmente empenhados em modificar a sociedade e suas estruturas. Precisamos de gente perseverante e capaz de renovar nossos sistemas sociais, econômicos e políticos, de tal forma que fomentem e preservem nos-

sa humanidade comum, e libertem as pessoas para se dedicarem generosamente ao amor e cuidado dos outros. Precisamos de pessoas educadas na fé e na justiça, que tenham a convicção possante e sempre crescente de que podem chegar a ser defensores eficazes, agentes e modelos da justiça, do amor e da paz de Deus, nas circunstâncias habituais da vida e do trabalho cotidiano, bem como fora delas.

- (18) Por consequência, a educação na fé e pela justiça começa pelo respeito à liberdade, ao direito e à capacidade dos indivíduos e grupos humanos de criarem para si mesmos uma vida diferente. Isto significa ajudar os jovens a se comprometerem no serviço e na alegria de partilhar suas vidas com outros. E sobretudo ajudá-los a descobrir que o que realmente devem oferecer é o que eles mesmos são, mais do que aquilo que têm. Significa ensinar-lhes que a sua maior riqueza é compreender outras pessoas. Significa acompanhá-los em seus próprios caminhos, rumo a um maior conhecimento, liberdade e amor. Eis uma parte essencial da nova evangelização a que nos chama a Igreja.
- (19) Portanto, a educação nos colégios da Companhia pretende transformar a maneira segundo a qual a juventude vê-se a si

mesma e aos outros, aos sistemas sociais e suas estruturas, ao conjunto da humanidade e a toda a criação natural. A educação jesuíta, se realmente alcança o seu objetivo, deve conduzir finalmente a uma transformação radical, não só do modo ordinário de pensar e agir, mas também do modo de entender a vida, como homens e mulheres competentes, conscientes e compassivos, que buscam o “maior bem” na realização do compromisso da fé e da justiça, para melhorar a qualidade de vida dos homens, especialmente dos pobres de Deus, oprimidos e desamparados.

- (20) Para atingir o nosso objetivo como educadores dos colégios da Companhia, precisamos de uma pedagogia que lute por formar “homens e mulheres para os outros”, num mundo pós-moderno no qual estão atuando forças antagônicas a este objetivo.<sup>2</sup> Além disso, precisamos de uma formação permanente para que, como mestres, possamos transmitir esta pedagogia com eficácia. Todavia, em muitos lugares, a administração pública impõe limites aos pro-

---

2. Por exemplo, o secularismo, o materialismo, o pragmatismo, o utilitarismo, o fundamentalismo, o racismo, os nacionalismos, a pornografia, o consumismo... só para nomear alguns.

gramas educativos, e a formação do professorado contradiz uma pedagogia que estimule a atividade do aluno na aprendizagem, fomento o crescimento e a qualidade humana, e promova a formação na fé e nos valores, além de transmitir conhecimentos e habilidades, como dimensões integrantes do processo formativo. Esta pode ser a situação real que muitos de nós temos de enfrentar, professores ou dirigentes dos colégios da Companhia. Ela cria um desafio apostólico complexo em nosso trabalho cotidiano de conquistar a confiança de novas gerações de jovens, acompanhá-los na senda da verdade, ajudá-los a trabalhar em prol de um mundo justo, repleto da compaixão de Cristo.

- (21) Como podemos fazer isso? Desde a publicação, em 1986, das *Características da Educação da Companhia de Jesus*, uma pergunta surgiu, tanto da parte de professores, como de diretores de nossos colégios, em face das realidades do mundo hodierno: como podemos conseguir o que se nos propõe neste documento, a formação de jovens para serem “homens e mulheres para os outros”? A resposta precisa ser relevante para culturas muito diferentes; útil para situações diferentes; aplicável a diversas disciplinas; atraente para estilos e preferên-

cias múltiplas. E sobretudo que fale aos professores tanto das realidades como dos ideais do ensino. Ademais, tudo isso deve ser feito atendendo especialmente ao amor preferencial pelos pobres que caracteriza a missão da Igreja atual. O desafio é difícil, mas não podemos esquecê-lo, porque afeta o núcleo do apostolado educativo da Companhia. A solução não consiste simplesmente em exigir maior dedicação de nossos professores e diretores. O de que mais necessitamos é um modelo prático para saber como ha vemos de proceder no intuito de promover os objetivos da educação jesuíta, um paradigma que seja significativo para o processo de ensino-aprendizagem, para a relação professor-aluno, e que tenha um cunho prático e aplicável para a sala de aula.

- (22) O primeiro decreto da 33<sup>a</sup> Congregação Geral da Companhia, *Companheiros de Jesus enviados ao mundo de hoje*, estimula os jesuítas a um constante discernimento apostólico sobre seus ministérios, tanto tradicionais como novos. Recomenda que esta revisão seja atenta à Palavra de Deus e inspirada pela tradição inaciana. Além disso, deve dar vez a uma transformação dos modos de pensar habituais, mediante uma constante **inter-relação de experiência, reflexão e**

**ação.**<sup>3</sup> Nisto nos deparamos com o esquema de um modelo para conseguir que as *Características da Educação da Companhia de Jesus* adquiram vida em nossos colégios atuais, graças a um modo de proceder profundamente coerente com o objetivo da educação jesuíta e perfeitamente alinhado com a missão da Companhia de Jesus. Vamos pois considerar um paradigma inaciano que priorize a interação constante de EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO e AÇÃO.

## **A PEDAGOGIA DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS**

- (23) Característica singular do paradigma da pedagogia inaciana é que, considerado à luz dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, não só é uma descrição adequada da contínua interação da experiência, reflexão e ação do processo de ensino-aprendizagem, mas também uma descrição ideal da inter-relação dinâmica entre o professor e o aluno, na caminhada deste último, rumo à maturidade do conhecimento e da liberdade.
- (24) Os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio são um livrinho que nunca foi concebido para

---

3. Decreto 1, n. 42-43. Grifo nosso



ser lido como qualquer outro livro. A sua intenção era antes expor um modo de proceder na direção de outras pessoas em suas experiências de oração, nas quais elas poderiam encontrar o Deus vivo e converter-se a Ele — para chegarem a confrontar-se honestamente com seus autênticos valores e crenças, e assim poderem tomar decisões livres e conscientes acerca do futuro de suas vidas. Os *Exercícios Espirituais*, cuidadosamente estruturados e descritos no manualzinho de Santo Inácio, não são concebidos como objetos de atividades meramente cognoscitivas ou práticas de devoção. Pelo contrário, são exercícios rigorosos do espírito, que comprometem totalmente o corpo, a mente, o coração e a alma da pessoa humana. Por isso, propõem não só temas de meditação, mas também realidades para a contemplação, cenas para a imaginação, sentimentos que se devem avaliar, possibilidades a serem exploradas, opções a considerar, alternativas a ponderar, juízos a formular e eleições a fazer em vista de um objetivo único: ajudar as pessoas a “buscar e achar a vontade divina na ordenação da própria vida”.

- (25) Dinâmica fundamental dos *Exercícios Espirituais* é o convite contínuo a refletir na oração sobre o conjunto de toda a expe-

riência pessoal, para poder discernir aonde nos conduz o Espírito de Deus. Inácio exige a reflexão sobre a experiência humana como meio indispensável para discernir sua validade, pois sem uma reflexão prudente, há muito perigo de mera ilusão enganosa e, sem uma consideração atenta, o sentido da experiência individual pode ser desvalorizado ou vulgarizado. Só depois de uma reflexão adequada sobre a experiência e de uma interiorização do sentido e das implicações do que se estuda, é possível proceder livre e confiadamente a uma eleição correta dos modos de proceder que favoreçam o desenvolvimento total de alguém como ser humano. Portanto, a reflexão constitui o ponto central para Inácio, na passagem da experiência para a ação; tanto que ele confia ao diretor ou orientador das pessoas que fazem os *Exercícios Espirituais* a responsabilidade primordial de ajudá-las no processo da reflexão.

- (26) Para Inácio, a dinâmica vital dos *Exercícios Espirituais* é o encontro da pessoa com o Espírito da Verdade. Não surpreende, pois, que encontremos em seus princípios e orientações para guiar a outros durante os *Exercícios Espirituais* uma descrição perfeita da atitude pedagógica do professor, como alguém cuja função não é a de meramente

informar, mas de ajudar o estudante em seu progresso rumo à verdade.<sup>4</sup> Para servir-se com êxito do *Paradigma Pedagógico Inaciano*, os professores devem estar cômnicos da própria experiência, atitudes, opiniões, para que não imponham aos alunos as próprias idéias (cf. § 111).

## **RELAÇÃO PROFESSOR-DISCÍPULO**

- (27) Aplicando pois o paradigma inaciano à relação professor-aluno na educação da Companhia, a função primordial do professor será facilitar um relacionamento progressivo do aluno com a verdade, mormente nas matérias concretas que está estudando com a assistência do professor. Ele criará as condições, lançará os fundamentos, proporcionará as oportunidades para

---

4. A visão fundamental do paradigma inaciano dos Exercícios Espirituais e suas implicações na educação jesuíta foi estudada por François Charmot SJ, em *La Pédagogie des Jésuites: ses principes, son actualité*, Paris, Éditions Spes, 1943. “Podem-se encontrar mais razões convincentes nos dez primeiros capítulos do diretório dos Exercícios Espirituais. Aplicados à educação, realçam o princípio pedagógico de que o professor não se pode conformar com informar, mas deve ajudar os alunos em seu caminho para a verdade” (texto do Pe. Michael Kurimay SJ, numa nota resumindo uma secção do livro de Charmot que trata do papel do professor segundo os Exercícios, extraído dum comentário e tradução particulares de trechos do livro citado).

que o aluno possa levar a cabo um inter-relacionamento contínuo de EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO e AÇÃO.

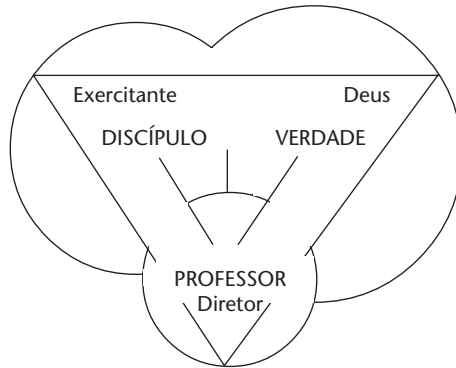


Figura 1 — Paradigma Inaciano e relação professor-aluno

- (28) Começando pela EXPERIÊNCIA, o professor cria as condições para que os alunos recolham e recordem os dados da própria experiência, e selecionem o que consideram relevante para o tema que estão tratando, sobre fatos, sentimentos, valores, introspecções e intuições. Depois, o professor guia o aluno na assimilação da nova informação e experiência, de modo que o seu conhecimento progrida em amplitude e verdade. O professor assenta as bases para que o aluno “aprenda como aprender”, iniciando-o nas técnicas da REFLEXÃO. Deve-se ativar a memória, o entendimen-

to, a imaginação e os sentimentos, para captar o significado e valor essencial do que se está estudando, para relacioná-los com outros aspectos do conhecimento e atividade humana, para avaliar suas implicações na busca contínua da verdade. A reflexão deve ser um processo formativo e livre, que construa a consciência dos alunos — suas atitudes habituais, seus valores e crenças, bem como seus modos de pensar — de tal sorte que se sintam impelidos a passar do conhecimento à AÇÃO. Por conseguinte, o papel do professor é garantir que haja oportunidades de desenvolver a imaginação e exercitar a vontade dos alunos, a fim de que optem pela melhor linha de atuação, que derive do aprendido e seja seu efeito. O que eles vão realizar como consequência sob a direção do professor, se bem que não consiga transformar o mundo inteiro de imediato numa comunidade de justiça, paz e amor, ao menos poderá ser um passo educativo neste sentido e na direção deste objetivo, mesmo que não sirva mais que para proporcionar novas experiências, ulteriores reflexões e ações coerentes com a matéria estudada.

- (29) A contínua inter-relação de EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO E AÇÃO na dinâmica do ensino-aprendizagem da sala de aula situa-se

no coração mesmo da pedagogia inaciana. É o nosso modo peculiar de proceder nos colégios da Companhia, acompanhar os alunos na caminhada que os leva a serem pessoas maduras. É um paradigma pedagógico inaciano que qualquer um de nós pode aplicar nas matérias que leciona e nos programas que organiza, sabendo que deve adaptá-los e aplicá-los às nossas situações específicas.

## **O PARADIGMA INACIANO**

- (30) O Paradigma Inaciano, **experiência, reflexão, ação**, sugere uma multidão de caminhos pelos quais os professores poderiam acompanhar seus alunos e facilitar-lhes a aprendizagem e amadurecimento, fazendo-os encarar a verdade e o sentido da vida. É um Paradigma que pode fornecer resposta muito adequada aos problemas educativos por nós hoje enfrentados, e ter a capacidade intrínseca de ultrapassar o meramente teórico e chegar a ser um instrumento prático e eficaz no sentido de efetuar mudanças em nossa maneira de ensinar e na de os nossos alunos aprenderem. O modelo **experiência, reflexão e ação** não é somente uma idéia interessante, merecedora de

um diálogo sério, nem uma simples proposta intrigante para provocar longos debates. Pelo contrário, é um Paradigma Inaciano educativo, simultaneamente novo e familiar; um modo de proceder que todos podemos adotar confiadamente em nossa tarefa de ajudar os alunos em seu desenvolvimento autêntico como pessoas competentes, conscientes e sensíveis à compaixão.



Figura 2 — Paradigma Inaciano

- (31) Característica de importância decisiva do Paradigma Inaciano é a introdução da reflexão como dinâmica essencial. Durante séculos, considerou-se que a educação consistia em acumular conhecimentos adqui-

ridos por meio de lições e provas.<sup>5</sup> O ensino obedecia a um modelo primitivo de comunicação, segundo o qual a informação se transmitia e o conhecimento se transferia do professor para o aluno. Os alunos recebiam um ponto claramente exposto e totalmente explicado e, em troca, o professor exigia deles a *ação* de demonstrar, freqüentemente recitando de memória, que tinham assimilado o que lhes fora comunicado. Embora a pesquisa das duas últimas décadas haja demonstrado reiteradas vezes, graças a múltiplos estudos, que a aprendizagem eficaz resulta da

---

5. A metodologia da “aula magistral” em que prevalecia a autoridade do professor (*magister*) como comunicador do conhecimento, chegou a ser o modelo predominante desde a Idade Média. A leitura em voz alta na aula constituía a “lectio” ou lição, que os alunos deviam aprender e defender. Os progressos da técnica da imprensa proporcionaram maior facilidade no uso de livros para a leitura e o estudo pessoal. Em épocas mais recentes, a proliferação de textos e apostilas, escritos por especialistas e maciçamente difundidos pelos editores, tiveram um impacto significativo no ensino escolar. Em muitos casos, o livro de texto substituiu o professor como autoridade máxima, a ponto de a escolha de um texto talvez ser uma das decisões pedagógicas mais importantes a ser tomada pelo professor. É prática comum que a matéria da disciplina seja definida pelos capítulos ou páginas do texto que os alunos devem saber para passar no exame. É freqüente que se preste pouca atenção ao modo como o conhecimento e as idéias que se utilizam numa determinada disciplina, não só podem aumentar o acervo de conhecimentos, mas também influir decisivamente na compreensão e valorização do mundo em se vive.



interação do aluno com a experiência, não obstante, grande parte do ensino que ainda se ministra continuar restrita a um modelo educativo de duas fases: EXPERIÊNCIA — AÇÃO, no qual o professor desempenha um papel muito mais ativo do que o aluno.<sup>6</sup> Há um modelo freqüentemente adotado, cujo objetivo pedagógico primordial é o desenvolvimento da capacidade de memorização dos alunos. Não obstante, como modelo de ensino para a educação da Companhia de Jesus, é muito deficiente por dois motivos:

- 1) O intuito dos colégios da Companhia é que a experiência da aprendizagem conduza, além do estudo memorístico, ao desenvolvimento das habilidades de aprendizagem mais complexas da compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação.
- 2) Mas, se o ensino terminasse aqui, não seria inócua. Faltaria-lhe o componente da REFLEXÃO, graças à qual os alunos são impelidos a considerar o significado e a importância humana daquilo que estão estudando, e a incorporar responsabilmente este significado, para

---

6. Basta pensar nos “aprendizes” do mundo artesanal, para dar-nos conta de que nem sempre a pedagogia supôs tal passividade no aluno.

irem amadurecendo como pessoas competentes, conscientes e sensíveis à compaixão.

## **DINÂMICA DO PARADIGMA**

- (32) A compreensão do *Paradigma Pedagógico Inaciano* deve estender-se tanto ao contexto da aprendizagem, como ao processo mais explicitamente pedagógico. Além disso, deveria indicar os modos de fomentar a abertura ao desenvolvimento, mesmo após ter o aluno concluído um ciclo determinado de estudos. Neste sentido, cinco pontos devem ser levados em consideração: **CONTEXTO, EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO, AÇÃO, AVALIAÇÃO.**
- (33) 1. **CONTEXTO DA APRENDIZAGEM:** Inácio, antes de dar início ao acompanhamento de alguém nos *Exercícios Espirituais*, sempre fazia questão de conhecer-lhe as predisposições para a oração e para com Deus. Dera-se conta de quão importante é para uma pessoa estar aberta aos movimentos do Espírito, se quisesse conseguir de fato algum fruto do processo espiritual que se dispunha a realizar. Baseado neste conhecimento prévio, Inácio podia

formar uma idéia da aptidão do candidato para começar a experiência; e da sua possibilidade de aproveitar dos *Exercícios* completos ou se mais lhe convinha uma experiência abreviada.

- (34) Nos *Exercícios Espirituais*, Inácio faz questão de que a experiência do exercitante sempre dê forma e contexto aos exercícios que se estão fazendo. Não obstante, cabe ao diretor a responsabilidade, não só de selecionar os exercícios que pareçam mais proveitosos e convenientes, mas também de modificá-los e adaptá-los para que sejam mais diretamente aplicáveis ao exercitante. Inácio estimula o diretor dos *Exercícios* a inteirar-se o mais de perto e previamente possível da vida do exercitante, para ter condições de melhor ajudá-lo a discernir as moções do Espírito, no decorrer do retiro.
- (35) Da mesma forma, a atenção pessoal e a preocupação pelo aluno, que é um distintivo da educação jesuíta, requer do professor que conheça quanto for possível e conveniente, a vida do aluno. E, como a experiência humana, ponto de partida da pedagogia inaciana, nunca se produz no vazio, devemos conhecer, na medida do possível, o contexto concreto em que se processa o ensino-aprendizagem. Como professores,

portanto, precisamos entender o mundo do aluno, sem descuidar as formas pelas quais a família, os amigos, os companheiros, a subcultura juvenil e seus costumes, bem como as pressões sociais, a vida escolar, a política, a economia, a religião, os meios de comunicação, a arte, a música e outras realidades estão causando impacto neste mundo e influenciando no aluno para o bem ou para o mal. De vez em quando, deveríamos mover claramente nossos alunos a refletir seriamente sobre as realidades contextuais dos nossos dois mundos. Quais as forças que neles influem? Como percebem que essas forças estão atuando em suas atitudes, valores, crenças, e modelando suas percepções, juízos e opções? E as realidades do mundo, como chegam a afetar seu modo de aprender e os ajudam a moldar as próprias estruturas habituais de pensamento e ação? Que medidas práticas estão dispostos a tomar para conseguir maior liberdade e controle do seu futuro?

- (36) Para que surja a relação de autenticidade e verdade entre professores e alunos, requerem-se confiança e respeito, que se nutrem de uma constante experiência do outro como genuíno companheiro de aprendizagem. Significa, além disso, ter profunda consciência e estar atentos para o ambien-

te institucional do colégio. Como professores e diretores, é preciso também ficar atentos ao complexo e, não raro, sutil universo de normas, comportamentos e relações que geram o clima educativo.

- (37) O apreço, o respeito e o serviço deveriam distinguir a relação existente, não só entre professores e alunos, mas também entre todos os membros da comunidade escolar. Como ideal, os colégios da Companhia deveriam ser lugares onde cada um se sinta compreendido, considerado e atendido; onde os talentos naturais e a capacidade criativa das pessoas sejam reconhecidas e elogiadas; onde todos sejam tratados com justiça e equidade; onde seja normal o sacrifício em prol dos economicamente pobres, marginalizados sociais, e intelectualmente menos bem dotados; onde cada um de nós encontre o desafio, o estímulo e a ajuda de que precisa para realizar ao máximo as suas potencialidades individuais; onde nos ajudemos uns aos outros e juntos trabalhemos com entusiasmo e generosidade, esforçando-nos por tornar concretamente visíveis, por palavras e obras, os ideais que defendemos para nossos alunos e para nós mesmos.
- (38) **Em consequência, os professores e demais membros da comunidade educativa deveriam considerar:**

- a) **o contexto real da vida do aluno** que abrange sua família, os companheiros, as situações sociais, a própria instituição educativa, a política, a economia, o clima cultural, a situação eclesial, os meios de comunicação, a música e outras realidades. Tudo isso exerce um impacto positivo ou negativo sobre o estudante. De vez em quando, será útil e importante estimular os alunos a refletirem sobre os fatores ambientais cujo influxo experimentam e como afetam suas atitudes, suas maneiras de captar a realidade, suas opiniões e preferências. Especial importância terá isto, quando os alunos estejam estudando temas que provavelmente vão provocar neles sentimentos intensos;
- (39) b) **o contexto sócio-econômico, político e cultural** no qual o aluno vive pode afetar seriamente seu crescimento como “homem para os outros”. Por exemplo, uma cultura de pobreza endêmica afeta em geral negativamente as expectativas de êxito escolar; os regimes políticos opressivos bloqueiam os questionamentos que possam pôr em perigo suas ideologias dominantes. Estes e muitos outros fatores po-

dem restringir a liberdade que a pedagogia inaciona tanto fomenta;

- (40) c) **o ambiente institucional do colégio** ou centro educativo, isto é, todo o complexo e, não raro, sutil conjunto de normas, expectativas e especialmente relações criadas pela atmosfera da vida escolar. Estudos recentes sobre as escolas católicas destacam a importância de um ambiente positivo na escola. No passado, as melhorias na educação religiosa e dos valores foram promovidas com base na implantação de novos programas, recursos audiovisuais e bons livros de texto. Todas essas melhorias produzem alguns resultados. Mas em geral, alcançam muito menos do que prometem. Os resultados de uma pesquisa recente indicam que o ambiente geral do colégio pode muito bem ser a condição prévia e necessária para que uma educação de valores possa até mesmo chegar a começar, e que é preciso prestar muito mais atenção ao ambiente ou clima escolar em que se está processando o desenvolvimento moral e a formação religiosa do adolescente. Concretamente, a preocupação por um ensino de qualidade,

pela verdade, pelo respeito aos demais, malgrado as diferenças de opiniões, a ambiência, o perdão e algumas manifestações evidentes da crença da Instituição no Transcendente, são características de um ambiente escolar que ajuda na obtenção de um desenvolvimento humano integral. Um colégio da Companhia deve ser uma comunidade de fé, transparente, na qual prevaleça uma autêntica relação pessoal entre professores e alunos. Sem esta relação, perder-se-ia praticamente grande parte da nossa genuína força educativa, já que a autêntica relação de confiança e amizade entre professores e alunos é necessária como condição “sine qua non” para progredir de algum modo no compromisso com os valores. Por conseguinte a “*alumnorum cura personalis*”, ou seja, o amor autêntico e a atenção pessoal prestada a cada um dos nossos alunos, é essencial para criar um ambiente que favoreça o paradigma pedagógico inaciano proposto;

- (41) d) **conceitos adquiridos previamente que os alunos trazem consigo no início do processo de aprendizagem.** Os seus pontos de vista e os



conceitos que possam ter adquirido em aprendizagens anteriores, ou ter captado espontaneamente do seu ambiente cultural, bem como os sentimentos, atitudes e valores que dizem respeito à matéria que vão estudar, tudo isto faz parte do contexto real do ensino.

- (42) 2. A **EXPERIÊNCIA** significa para Inácio “saborear as coisas internamente”. Isto requer, em primeiro lugar, ter conhecimento de fatos, conceitos e princípios. Exige do indivíduo que seja sensível às conotações e matizes das palavras e aos acontecimentos, que analise e avalie as idéias, que raciocine. Só mediante uma compreensão exata do que se está considerando é possível alcançar uma apreciação adequada do seu significado. Mas a experiência inaciana ultrapassa a compreensão puramente intelectual. Inácio exige que “o homem todo” — mente, coração e vontade — se envolva na experiência educativa. Estimula a valer-se tanto da experiência, da imaginação e dos sentimentos, como do entendimento. As dimensões afetivas do ser humano devem ficar tão implicadas quanto as cognoscitivas, pois, se o sentimento interno não se alia ao conhecimento in-

telectual, a aprendizagem não moverá ninguém à ação. Por exemplo, uma coisa é saber que Deus é Pai. Mas, para que esta verdade se torne vida e chegue a ser eficiente, Inácio nos fará *sentir* a ternura com que o Pai de Jesus nos ama e cuida de nós, perdoando-nos. E esta experiência mais profunda pode fazer-nos cair na conta de que Deus partilha seu amor com todos os irmãos e irmãs da grande família humana. No mais íntimo do nosso ser, poderemos sentir-nos compelidos a nos preocupar com os outros — com suas alegrias e penas, esperanças, provações, pobreza, e com a injustiça que sofrem — e a querer fazer algo por eles. Nisto estão implicados o coração e a cabeça, a pessoa em sua totalidade.

- (43) **Portanto, empregamos a palavra EXPERIÊNCIA para descrever qualquer atividade em que, junto com uma aproximação cognitiva da realidade em questão, o aluno percebe uma reação de caráter afetivo.** Em qualquer experiência, o aluno percebe os dados cognitivamente. À força de perguntar-se, imaginar e investigar seus elementos e relações, o aluno estrutura os dados numa hipótese. “Que é isto? É parecido com o que já conheço? Como funciona?” E, sem mediar uma escolha delibera-

da, já surge a reação afetiva espontânea a por exemplo: “Gosto disso...Isto me dá medo... Não me dou com esse tipo de coisas... Isto é interessante... Isto me enjoa”.

- (44) Ao começar matéria nova, o professor pode perceber freqüentemente quanto os sentimentos dos alunos os ajudam a crescer. Pois é muito difícil que um aluno entre em contato com uma novidade no estudo sem relacioná-la com os conhecimentos anteriores. Novos fatos, idéias, pontos de vista ou teorias quase sempre representam um desafio ao que o aluno já sabe sobre o assunto. Isto implica um crescimento, uma compreensão mais plena, que podem modificar ou transformar os conhecimentos que ele pensava já possuir satisfatoriamente. O confronto de um conhecimento novo com o já sabido, especialmente quando o novo não encaixa exatamente no já conhecido, não se pode limitar simplesmente à memorização ou assimilação passiva de dados adicionais. O aluno estranha ao perceber que não compreende as coisas perfeitamente. E isto provoca novas tentativas para melhor compreender — análise, comparações, contrastes, sínteses, avaliação — todo o tipo de atividades mentais e psicomotoras, pelas quais os alunos tentam captar mais profundamente a realidade.

- (45) A experiência humana pode ser direta ou indireta:

— *Direta*

Uma coisa é ler num jornal que as cidades costeiras de Porto Rico foram arrasadas por um furacão. Talvez se tenha notícia de alguns pormenores: a velocidade do vento, sua direção, o número de vítimas fatais e de feridos, a extensão e localização dos danos materiais. Mas este conhecimento puramente intelectual pode deixar o leitor distante e frio, com referência às proporções humanas da tormenta. Há grande diferença entre estar alguém ao relento quando o vento sopra, a sentir o ímpeto do temporal e o perigo imediato que ameaça a sua vida, seu lar e tudo o que possui, e sentir o medo apoderar-se-lhe das entranhas porque teme pela própria vida e pela de seus familiares, enquanto o ensurdece o sibilar do vento. Este exemplo mostra claramente como a experiência direta é, via de regra, mais intensa e afeta mais a pessoa. No contexto escolar, a experiência direta costuma ocorrer nas relações interpessoais, tais como conversas ou debates, descobertas de laboratório, pesquisas de campo, práticas de serviço social, atividades esportivas, ou similares.

— *Indireta*

Nos estudos, a experiência direta nem sempre é possível. A aprendizagem estrutura-se, com frequência, por meio de experiências indiretas, lendo ou ouvindo uma leitura. Para empenhar os alunos numa experiência de aprendizagem mais profunda em nível humano, os professores são desafiados a estimular a imaginação deles e a aplicação dos sentidos, de sorte que possam ter acesso mais pleno à realidade estudada. Será necessário enriquecer o contexto histórico, as implicações temporais do tema em estudo, bem como os fatores culturais, sociais, políticos e econômicos que, na época, tenham afetado a vida das pessoas. As simulações, representações, o uso de material audiovisual e outros recursos semelhantes podem ser de grande valia.

- (46) Nas fases iniciais da experiência, quer direta quer indireta, os alunos percebem simultaneamente os fatos e as próprias reações afetivas. Só articulando esses dados será possível captar o significado cabal da experiência, respondendo a perguntas como: “Que é isto?” e “qual é a minha reação?” Por isso devem os alunos ficar atentos e ativos para conseguir a percepção e a compreensão das realidades humanas que os questionam.

- (47) 3. **A REFLEXÃO:** No decorrer da sua vida, Inácio conscientizou-se de que estivera constantemente sujeito a diferentes tendências e sugestões, quase sempre alternativas contraditórias. O seu maior empenho foi procurar descobrir o que o movia em cada caso: o impulso que o levava ao bem ou o inclinava para o mal; o desejo de servir aos outros ou a preocupação com sua própria afirmação egoísta. Converteu-se assim em mestre do discernimento, e hoje continua a sê-lo, pois conseguiu distinguir esta diferença. Para Inácio, “discernir” significava esclarecer as próprias motivações internas, os objetivos que agiam por trás de suas opiniões; pôr em questão as causas e implicações do que experimentara, ponderar as possíveis opções e avaliá-las à luz de suas prováveis consequências, para obter o objetivo pretendido: ser uma pessoa livre, que busca, encontra e executa a vontade de Deus em cada situação.
- (48) Neste nível da REFLEXÃO, a memória, o entendimento, a imaginação e os sentimentos são utilizados para captar o significado e valor essencial do que está sendo estudado, para descobrir sua relação com outros aspectos do conhecimento e da atividade

humana, e para apreciar suas implicações na constante busca da verdade e da liberdade. Esta REFLEXÃO é um processo formativo e libertador. Forma a consciência dos alunos (suas crenças, valores, atitudes e, até mesmo, sua forma de pensar), de tal sorte que os desafia a ir além do puro conhecimento e passarem à ação.

- (49) Com o termo reflexão, queremos significar a reconsideração séria e ponderada de um tema determinado, experiência, idéia, propósito ou reação espontânea, visando captar o seu sentido mais profundo. Portanto, a reflexão é o processo pelo qual se traz à tona o sentido da experiência:
- (50) • **Quando se percebe com maior clareza a verdade em estudo.** Por exemplo: “Qual é o pressuposto desta teoria do átomo, de tal exposição da história dos povos indígenas, desta análise estatística? São válidos os resultados? São honestos? Seria possível partir de outros pressupostos? No caso de se terem feito outras hipóteses iniciais, surgiriam resultados diferentes?”
- (51) • **Quando se diagnosticam as causas dos sentimentos ou reações que se experimentam ao considerar atentamente alguma coisa.** Por exemplo: “Ao estudar este episódio, o que é que me interessa

mais particularmente? Por quê? O que é que me deixa perplexo nesta tradução? Por quê?”

- (52) • **Quando se penetra mais a fundo nas implicações do que se chegou a entender por si mesmo ou com a ajuda alheia.** Por exemplo: “Dos esforços feitos para controlar o efeito estufa, que conseqüências podem resultar para a minha vida, a da minha família ou dos meus amigos, e para a vida dos povos dos países pobres?”
- (53) • **Quando se conseguem convicções pessoais sobre fatos opiniões, verdades — distorcidas ou não — e coisas semelhantes.** Por exemplo: “A maioria das pessoas considera que seria desejável uma repartição mais eqüitativa dos recursos do mundo; não só, mas é um imperativo moral. Poderiam o meu próprio estilo de vida pessoal e tantas coisas que me parecem normais e julgo naturais contribuir para tal desigualdade? Estou disposto a reconsiderar de quanto preciso para ser feliz?”
- (54) • **Ao conseguir compreender quem sou (“O que é que me move, e por quê?”) e quem deveria ser em relação aos outros.** Por exemplo: “Que influência tem



sobre mim a problemática que estou ponderando? Por quê? Vivo em paz estas reações que se produzem em mim? Por quê? Se não, por que não?”

- (55) Desafio ainda maior para o professor, nesta etapa do paradigma da aprendizagem, é formular perguntas que ampliem a sensibilidade do aluno e o façam considerar o ponto de vista dos outros, especialmente dos pobres. A tentação, para o professor, talvez venha a ser procurar impor os próprios pontos de vista. Caso isto aconteça, o risco de manipulação ou doutrinação (certamente não inaciano) seria grande, e os professores devem precaver-se de tudo o que favoreça este risco. Mas permanece o desafio de incrementar a sensibilidade dos alunos para as implicações humanas do que estudam, de sorte que progridam além das próprias experiências anteriores e cresçam em qualidade humana.
- (56) Como educadores, insistimos em que tudo se deve fazer com total respeito à liberdade do aluno. É possível que, mesmo depois de um processo reflexivo, um aluno resolva agir de forma egoísta. Sabemos que, devido aos fatores evolutivos, à insegurança ou a outras situações que ordinariamente afetam a vida do jovem, este pode não ser

capaz, em tal conjuntura, de amadurecer na linha de um maior altruísmo, respeito à justiça, etc. O próprio Jesus enfrentou reações dessas com o jovem rico do Evangelho. Cumpra ser respeitosos para com a liberdade individual de quem resiste ao amadurecimento. Nós somos simplesmente semeadores; a seu tempo, a providência de Deus fará germinar a semente.

- (57) A reflexão que estamos considerando pode e deve estender-se onde quer seja conveniente, de tal sorte que alunos e professores sejam capazes de partilhar suas reflexões, e assim tenham a oportunidade de crescer juntos. Uma reflexão partilhada pode reforçar, desafiar, estimular a reconsideração e, finalmente, dar maior segurança de que a ação que se vai empreender — individual ou coletiva — vai ficar mais integrada e ser mais coerente com o que significa ser uma “pessoa para os outros”.
- (58) (Os termos EXPERIÊNCIA e REFLEXÃO podem ser definidos de maneiras diferentes, de acordo com as diversas escolas pedagógicas. E julgamos conveniente que hoje se utilizem estes e outros termos semelhantes para exprimir ou promover um ensino personalizado e ativo, cujo objetivo não seja a mera assimilação de matérias, mas o

desenvolvimento da pessoa. Na tradição educativa inaciana, contudo, esses termos são particularmente significativos, porque traduzem o “modo de proceder” mais eficaz para conseguir a “formação integral” do aluno, isto é, um modo de experimentar e refletir que leva o aluno, não só a aprofundar-se nas matérias, mas a buscar um significado para a vida e efetuar opções pessoais (AÇÃO) de acordo com uma visão integradora do mundo. Por outro lado, sabemos que a experiência e a reflexão não são fenômenos separáveis. Não é possível ter uma experiência sem um mínimo de reflexão, e todas as reflexões implicam algumas experiências intelectuais ou afetivas, intuições ou ilustrações, uma visão do mundo e dos outros).

- (59) 4. A AÇÃO: para Inácio, a prova mais contundente do amor é o que se faz, não o que se diz. “O amor demonstra-se com fatos, não com palavras.” O impulso dos *Exercícios Espirituais* permitia precisamente ao exercitante conhecer a vontade de Deus, para livremente cumpri-la. Por isso também, Inácio e os primeiros jesuítas ocupavam-se principalmente da formação das atitudes dos alunos, de seus valores e ideais, à luz dos quais tomariam decisões numa grande variedade de

situações em que teriam de intervir. Nos colégios da Companhia, Inácio queria formar jovens que pudessem contribuir inteligente e eficazmente para o bem-estar da sociedade.

- (60) • A reflexão pedagógica inaciana seria um processo truncado se terminasse na compreensão e nas reações afetivas. A reflexão inaciana começa precisamente com a realidade da experiência e termina necessariamente nesta mesma realidade, para atuar sobre ela. A reflexão só faz crescer e amadurecer, quando resulta em decisão e compromisso.
- (61) • Em sua pedagogia, Inácio distingue o estágio afetivo/avaliativo do processo de formação, por ter consciência de que os sentimentos afetivos, além de permitir a “sentir e saborear”, ou seja, inserir-se na própria experiência, são forças motivadoras que fazem o indivíduo passar da compreensão à ação e ao compromisso. Respeitando a liberdade de cada um, trata preferentemente de animar à decisão e ao compromisso pelo “magis”, o maior serviço de Deus e de nossos irmãos e irmãs.
- (62) • A palavra AÇÃO refere-se aqui ao crescimento humano interior baseado na experiência na qual se refletiu, bem

como à sua manifestação externa. *Isto supõe duas etapas:*

### 1) Opções interiorizadas

Após a reflexão, o aluno considera a experiência de um ponto de vista pessoal e humano. À luz da compreensão intelectual da experiência e dos sentimentos nela implicados — positivos ou negativos — é que a vontade se sente mobilizada. Os conteúdos percebidos e analisados conduzem a opções concretas. Estas podem ocorrer quando alguém resolve que tal verdade vai ser o seu ponto de referência pessoal, a atitude ou predisposição que influirá numa série de decisões. E pode adquirir a forma de um esclarecimento gradual das próprias prioridades. Neste momento, um aluno pode resolver-se a assumir tal verdade como própria, mantendo-se ainda aberto no sentido de perceber para onde esta verdade o leva.

### 2) As opções que se manifestam externamente

Com o tempo, esses conteúdos, atitudes e valores interiorizados vão se incorporando à pessoa, e impelem o aluno a agir, a fazer algo coerente com suas convicções. Caso o

conteúdo seja positivo , o aluno esforçar-se-á provavelmente por incrementar as condições ou circunstâncias em que a experiência original ocorreu. Por exemplo, um aluno que teve êxito na educação física, inclinar-se-á a praticar habitualmente algum esporte durante os tempos livres. Se uma aluna criou gosto pela história da literatura, tomará tempo para leitura. Outro, que julga valioso ajudar os colegas nos estudos, pode oferecer-se como voluntário em algum programa de ajuda aos colegas mais fracos. Se ele ou ela avaliam melhor as necessidades dos pobres, depois de terem passado por experiências de assistência em áreas marginalizadas e refletido sobre elas, isto poderia influir na escolha da própria carreira, ou em sentir-se motivados a um trabalho voluntário em favor dos pobres. Se o conteúdo tiver sido negativo, então, provavelmente o aluno procurará reagir, mudar, discernir ou evitar condições e circunstâncias em que ocorreu a experiência original. Por exemplo, se o aluno se dá conta agora das causas do seu fracasso escolar, poderá decidir-se a melhorar seus hábitos de estudo, para evitar outros fracassos.

- (63) 5. A AVALIAÇÃO: Todos os professores sabem da importância de avaliar de vez em quando o progresso de cada aluno

nos estudos. As perguntas diárias, as provas semanais ou mensais e os exames finais são instrumentos usuais de avaliação para apreciar o domínio dos conhecimentos e das capacidades adquiridas. As provas periódicas informam o professor e o aluno sobre o progresso intelectual e detectam as lacunas que devem ser preenchidas. Provavelmente, esse tipo de realimentação pode conscientizar o professor da necessidade de recorrer a métodos diferentes de ensino; e fornece-lhe a oportunidade de estimular e aconselhar pessoalmente cada aluno sobre o seu progresso acadêmico (por exemplo, revendo os hábitos de estudo).

- (64) A pedagogia inaciona, contudo, visa conseguir uma formação que, embora inclua o domínio das matérias, pretende ir mais longe. Neste sentido, nós nos preocupamos com o equilíbrio no desenvolvimento dos alunos como “pessoas para os outros”. Por isso, é essencial a avaliação periódica do seu progresso nas atitudes, prioridades, modo de proceder de acordo com o objetivo de ser “pessoas para os outros”. Provavelmente esta avaliação integral não deverá ser tão freqüente como nos estudos, mas precisa programar-se periodicamente, pelo menos uma vez por trimestre. Um profes-

sor observador perceberá, com muito mais frequência, indícios de maturidade ou imaturidade nas discussões em aula, atitudes de generosidade dos alunos relativamente às necessidades comuns, etc.

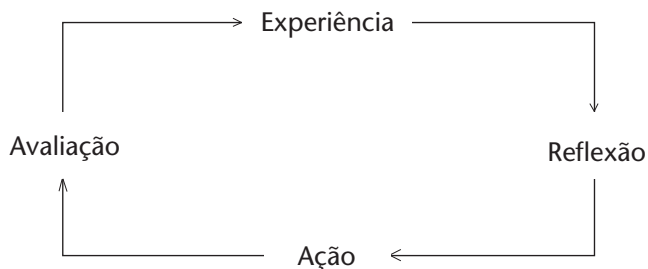
- (65) Há muitos modos de avaliar o processo de maturação humana. Tudo deve ser levado em conta: a idade, o talento e o nível de desenvolvimento de cada aluno. Nisto as relações de respeito e confiança mútua, que sempre deveriam existir entre professor e aluno, são as que criam um clima propício para falar sobre a maturidade. Há métodos pedagógicos adequados como o diálogo pessoal, a revisão dos diários dos alunos, a auto-avaliação dos próprios alunos nas várias etapas de desenvolvimento, bem como a revisão das atividades de tempo livre e o serviço voluntário a outros.
- (66) Este pode ser um momento privilegiado, tanto para que o professor parabeneze e anime o aluno pelo esforço despendido, como para estimular uma ulterior reflexão à luz dos pontos obscuros ou lacunas detectados pelo próprio aluno. O professor pode motivá-lo a realizar as revisões oportunas, fazendo perguntas interessantes, abrindo novas perspectivas, fornecendo a informação necessária e sugerindo modos de ver as coisas de pontos de vista diferentes.



- (67) Com o correr do tempo, as atitudes dos alunos, suas prioridades e resoluções podem ser investigadas novamente à luz de ulteriores experiências, mudanças de ambiente, desafios provocados por deslocamentos sociais e culturais, ou coisas parecidas. O modo discreto de o professor perguntar pode sugerir a necessidade de tomar decisões ou compromissos mais adequados, o que Inácio de Loyola denomina “magis”. Esta nova consciência da necessidade de amadurecer pode servir ao aluno para novamente empreender o ciclo do paradigma da aprendizagem inaciana.

## UM PROCESSO CONTÍNUO

- (68) Este modo de proceder pode converter-se num exercício constante e eficiente de aprendizagem, bem como num estímulo



para permanecer aberto ao crescimento durante a vida inteira.

- (69) Uma reaplicação do Paradigma Inaciano pode ajudar o aluno a amadurecer, pois este:
- aprenderá gradualmente a discernir e selecionar suas experiências;
  - tornar-se-á capaz de adquirir maior plenitude e riqueza pessoais, a partir da reflexão sobre estas experiências; e
  - conseguirá automotivar-se, baseado em sua própria honestidade e humanidade, para optar consciente e responsabilmente.
- (70) Além disso, e talvez seja o mais importante, o uso coerente do paradigma inaciano pode levar à aquisição de hábitos permanentes de aprendizagem, que fomentem a intensidade da experiência, a compreensão reflexiva que supere o interesse individual, e os critérios de uma ação responsável. Estas aquisições educativas caracterizavam os ex-alunos da Companhia de Jesus primitiva. Talvez sejam ainda mais necessárias para os cidadãos responsáveis do terceiro milênio.

## **TRAÇOS PREDOMINANTES DO PARADIGMA PEDAGÓGICO INACIANO**

- (71) É natural que nos satisfaça uma pedagogia inaciana que se refere às *Características da*

*Educação da Companhia de Jesus* e a nossos próprios objetivos como professores. A contínua interação de EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO e AÇÃO nos propicia um modelo pedagógico muito significativo no contexto cultural do nosso tempo. É um modelo básico e sugestivo que se refere diretamente ao processo de ensino-aprendizagem. É um modo de proceder cuidadoso e razoável, concebido em coerência lógica com os princípios da espiritualidade inaciana e com a educação da Companhia. Mantém firmemente a importância e conveniência da inter-relação de professor, aluno e matéria. Ainda mais importante, atende às realidades, como aos ideais de formação, de maneira prática e sistemática, ao mesmo tempo que oferece os recursos básicos de que necessitamos para dar sentido à nossa missão educativa de formar “homens e mulheres para os outros”. E, se queremos trabalhar para fazer da pedagogia inaciana uma característica essencial da educação jesuíta em nossos colégios e em nossas aulas, será útil recordar o seguinte, relativamente ao paradigma proposto:

- (72) • **O Paradigma Pedagógico Inaciano adapta-se a todos os planos de estudo.** Como atitude, mentalidade e enfoque permanente que transcende todas as nossas programações curriculares, o Pa-

radigma Pedagógico Inaciano adapta-se a todos os planos de estudo propostos pelas administrações públicas. Não exige o acréscimo de um só curso, mas requer a inclusão de novos enfoques no modo de distribuir as aulas exigidas pela programação curricular.

- (73) • **O Paradigma Pedagógico Inaciano é fundamental no processo da aprendizagem.** Aplica-se, não só às disciplinas teóricas, mas também às áreas não-teóricas, tais como as atividades para-escolares, esportes, programas de serviço social, convivências e outras semelhantes. Dentro de uma disciplina concreta (história, matemática, línguas, literatura, física, arte, etc.), o Paradigma pode ser um instrumento útil para preparar as aulas, planejar tarefas e escolher atividades formativas. O Paradigma é dotado de um potencial considerável para ajudar os alunos a relacionarem as matérias de cada disciplina, e estas entre si, e para incorporar seus conteúdos ao já estudado. Sendo usado constantemente no decurso de um programa escolar, o Paradigma confere coerência a toda a experiência educativa do aluno. A aplicação regular do modelo nas diversas situações escolares contribui para criar nos alunos o hábito espontâ-

neo de refletir sobre a experiência, antes de passar à ação.

- (74) • **O Paradigma Pedagógico Inaciano pode contribuir para o aprimoramento do professorado.** Permite enriquecer o conteúdo e a estrutura do que os professores estão ensinando. Fornece ao professor meios adicionais de apoio às iniciativas estudantis. Leva os professores a melhorarem suas expectativas com referência aos alunos e a exigir deles mais responsabilidade e cooperação na própria formação. Ajuda o professor a motivar os alunos, proporcionando-lhes ocasiões e argumentos para animá-los a relacionar o que estão estudando com experiências efetuadas em seu ambiente.
- (75) • **O Paradigma Pedagógico Inaciano personaliza o ensino.** Induz os alunos a refletir sobre o conteúdo e significado do que estão estudando. Trata de motivá-los, envolvendo-os como participantes ativos e críticos no processo do ensino. Empenha-se por uma aprendizagem mais pessoal, que permita relacionar mais estreitamente as experiências de alunos e professores. Convida-os a harmonizar as experiências educativas feitas na aula com as de casa, do trabalho, dos colegas, etc.

- (76) • **O Paradigma Pedagógico Inaciano acentua a dimensão social do ensino e da aprendizagem.** Fomenta a estreita cooperação e a comunicação mútua de experiências mediante o diálogo reflexivo entre os alunos. Relaciona o estudo e o amadurecimento próprios com a interação pessoal e as relações humanas. Propicia um impulso firme e resolutivo para a ação que afetará positivamente a vida dos outros. Os alunos aprendem gradualmente que suas mais profundas expectativas provêm de suas relações humanas, relações e experiências de e com outras pessoas. A reflexão deveria levar sempre a um maior respeito pela vida alheia e pelas ações, normas de conduta ou estruturas que favorecem ou obstaculizam o desenvolvimento das pessoas. Isto, naturalmente, supõe que os professores estejam conscientes e comprometidos com tais valores.

### **OBJEÇÕES À PRÁTICA DA PEDAGOGIA INACIANA**

- (77) Não é fácil cumprir metas que se orientam para valores, com as propostas nas *Características da Educação da Companhia de Jesus*. Hoje elevam-se vozes poderosas agindo em oposição aos nossos propósitos. Registremos aqui algumas:

### 1. *Um enfoque restrito da educação*

- (78) Frequentemente, o objetivo da educação nos é apresentado como simples transmissão de cultura, por exemplo, transmitir às novas gerações a sabedoria acumulada durante séculos. Esta é, sem dúvida, uma função importante para a salvaguarda da coerência do esforço humano, dentro de qualquer sociedade e da humanidade em geral. Deixar de informar a juventude e prepará-la acerca do que já sabemos, resultaria na necessidade de cada nova geração ter de reinventar a roda. De fato, em muitos lugares, a transmissão da cultura é o objetivo supremo, senão o único da educação pública.
- (79) Mas o objetivo da educação no mundo de hoje, marcado por tão rápidas mudanças em todos os níveis da iniciativa humana, e por sistemas e ideologias competitivas entre si, não pode permanecer tão restrito, se quisermos efetivamente preparar homens e mulheres que sejam competentes e conscientes, capazes de contribuir significativamente para o futuro da humanidade. Do ponto de vista puramente pragmático, a educação que se restringe à transmissão de cultura acaba efetuando uma preparação para o que já está caindo em desuso. Isto é evidente quando organizamos programas

de preparação tecnológica. Menos aparentes são, contudo, as conseqüências do equívoco em avaliar as implicações humanas das inovações que afetam realmente a vida, como a engenharia genética, a cultura da imagem, as novas formas de energia, o papel dos blocos econômicos emergentes das nações e muitíssimas outras inovações que o progresso nos promete. Muitas delas brindam-nos com a esperança de melhorar a vida humana. Mas a que preço? Não se podem deixar simplesmente tais perguntas por conta dos líderes políticos ou dirigentes da indústria; direito e responsabilidade de cada cidadão é julgar e agir de modo adequado em favor da comunidade humana que se está configurando. Cumpre educar as pessoas para exercerem uma cidadania responsável.

- (80) Por conseguinte, é essencial acrescentar à transmissão da cultura o preparo para a participação significativa no progresso desta cultura. Sem dúvida alguma, os homens e mulheres do terceiro milênio precisarão de novas capacitações técnicas; mas, e isto é muito mais importante, precisarão habilitar-se para compreender e criticar, baseados no amor, todos os aspectos vitais, de modo a tomar decisões (pessoais, sociais, morais, profissionais, religiosas) que in-



fluam beneficemente em nossas vidas. Os critérios deste desenvolvimento (fruto do estudo, da reflexão, da análise, da crítica e da evolução de alternativas eficazes) baseiam-se, inevitavelmente, em valores morais. E isto é certo, quer tais valores sejam rejeitados explicitamente, quer não. Todo ensino fornece valores que podem promover, por exemplo, a justiça, ou podem agir total ou parcialmente, contra a missão da Companhia de Jesus.

- (81) Por isso, precisamos de uma pedagogia que alerte os jovens sobre as complexas redes de valores que, não raro, se disfarçam tão sutilmente na vida moderna — através da publicidade, da música, da propaganda política, etc. —, de tal modo que os alunos possam examiná-las e julgá-las e comprometer-se livremente com elas, baseados numa autêntica compreensão.

## *2. O predomínio do pragmatismo*

- (82) Muitos governos estão acentuando exclusivamente os elementos pragmáticos da educação, levados pela ânsia de galgar metas de progresso econômico, que podem perfeitamente ser legítimas. O resultado é que a educação fica reduzida a uma preparação para o trabalho. Tal tendência é frequentemente fomentada pelos interesses

comerciais, por mais que estes louvem teoricamente a extensão da educação a objetivos culturais. Nos últimos anos, em muitas regiões do mundo, numerosas instituições acadêmicas aderiram a esta perspectiva estreita da educação. E é alarmante presenciar a enorme mudança havida na escolha de especializações universitárias por parte dos estudantes, como abandonam as humanidades, a sociologia, a psicologia, a filosofia e a teologia, e se inclinam exclusivamente para ciências empresariais, econômicas, técnicas, físicas ou biológicas.

- (83) Na educação jesuíta, não nos limitamos a lamentar sem mais estes fatos da vida moderna. Queremos examiná-los e estudá-los. cremos que cada disciplina acadêmica, se for honesta consigo mesma, tem consciência de que os valores que transmite dependem do ideal da pessoa e da sociedade que lhe servem de ponto de partida. Portanto, consideramos de grande relevância os programas educativos, o ensino e a pesquisa, e as metodologias que se aplicam nas escolas, colégios e universidades, pois rejeitamos qualquer versão parcial ou deformada da pessoa humana, imagem de Deus. Isto contrasta claramente com as instituições educativas que, não raro inconscientemente, descartam a preocupação fundamental

pela pessoa humana, influenciadas por um enfoque fragmentário das especializações.

- (84) Isto significa que a educação jesuíta deve insistir na formação integral de seus alunos com meios tais como a exigência dum currículo básico que inclua humanidades, filosofia, perspectivas teológicas, questões sociais e outras semelhantes, como parte de todos os programas educativos especializados. E, além disso, dever-se-ia aplicar nas especializações o sistema de complementação curricular para estudar mais a fundo as implicações humanas, éticas, sociais do programa acadêmico.

### *3. O desejo de soluções simples*

- (85) A tendência a procurar soluções simples para questões e problemas humanos complexos caracteriza muitas sociedades contemporâneas. O uso freqüente de slogans como resposta aos problemas não ajuda precisamente a resolvê-los. Nem tampouco a tendência que vemos em muitos países do mundo inteiro para o fundamentalismo, num extremo do espectro, e para o secularismo, no extremo oposto. Ambos tendem a ser reducionistas; não satisfazem cabalmente a sede de crescimento humano integral, que tantos irmãos e irmãs nossos reclamam.
- (86) Na realidade, a educação jesuíta, cujo objetivo é a formação integral da pessoa, en-

frenta o desafio de traçar um caminho e aplicar uma pedagogia que evite esses extremos e ajude nossos alunos a captar uma verdade mais plena, as implicações humanas do que aprendem, precisamente para poderem contribuir mais eficazmente no saneamento da humanidade e na construção de um mundo mais humano e mais divino.

#### 4. *Os sentimentos de insegurança*

- (87) Um dos motivos que mais contribuem para a busca tão generalizada de respostas fáceis é a insegurança que muita gente experimenta, devida ao fracasso das instituições humanas essenciais, que normalmente proporcionam contextos de crescimento. Tragicamente, a família, sociedade humana fundamental, está se desintegrando em todos os países do mundo. Em muitos países do primeiro mundo, de cada dois matrimônios, um acaba em divórcio, com efeitos devastadores para os cônjuges, e sobretudo, para os filhos. Outra fonte de insegurança e confusão é o fato de estarmos assistindo a uma histórica e maciça migração por toda a face da terra. Milhões de homens, mulheres e crianças são arrancados dos próprios ambientes culturais, devido à opressão, às guerras civis, ou à escassez de comida ou meios de manter-se. Talvez os adultos possam

conservar elementos da própria herança cultural e religiosa, mas os jovens ficam geralmente, sujeitos a conflitos culturais e sentem-se obrigados a adotar os valores dominantes em suas novas pátrias, para serem aceitos por elas. Apesar de tudo, no fundo, sentem dúvidas a respeito desses novos valores. A insegurança traduz-se amiúde em atitudes defensivas e egoístas, num comportamento do tipo “primeiro eu”, que bloqueia a capacidade de interessar-se pelas necessidades alheias. A ênfase que o paradigma inaciono põe na reflexão, com o intuito de alcançar o sentido, pode ajudar os alunos a entender os motivos subjacentes às inseguranças que sentem, e a buscar formas mais construtivas de enfrentá-las.

5. *Os programas de estudos impostos pelas administrações públicas*

- (88) Para além de todos esses fatores, está a realidade do pluralismo do mundo atual. Ao contrário do que sucedia nos colégios da Companhia no século XVI, não existe mais um currículo único, reconhecido como “Trivium” ou “Quadrivium”, que possa ser aplicado como estrutura exclusiva de formação para o nosso tempo. Os programas atuais refletem, como é lógico, culturas locais e necessidades particulares

consideravelmente mutáveis. Mas em numerosos países, os governos controlam rigorosamente os cursos que integram os programas de estudo nos níveis primário e secundário. E isto pode impedir um desenvolvimento curricular em consonância com a prioridade formativa dos colégios.

- (89) Já que o processo inaciono de aprender requer certo estilo de ensino-aprendizagem, enfrenta as disciplinas do programa mais por infusão do que praticando modificações ou acréscimos nas unidades didáticas. Assim fazendo, evitam-se novos acréscimos aos currículos escolares já sobrecarregados, e ao mesmo tempo evita-se que determinados conteúdos sejam vistos como suplemento decorativo das disciplinas “importantes”. Naturalmente, isto não descarta a possibilidade de que alguma unidade específica de ética ou outras matérias semelhantes possa ser aconselhável num contexto particular.

### **DA TEORIA À PRÁTICA: PROGRAMAS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSORADO**

- (90) Ao refletir sobre o exposto, pode haver quem se pergunte como é possível pôr tudo isso em execução. Na realidade, muito poucos são os professores que praticam esta metodologia de

modo coerente. E a falta de experiência talvez seja o maior obstáculo para qualquer mudança efetiva no comportamento de um professor. Os membros da “Comissão Internacional para o Apostolado Educativo da Companhia de Jesus” (ICAJE) compreendem perfeitamente estes reparos. A experiência mostrou que muitas inovações educacionais fracassaram precisamente por causa deste problema.

- (91) Neste sentido, estamos convencidos de que nos centros educativos, Províncias ou regiões onde se utilizará este *Paradigma Pedagógico Inaciano*, serão essenciais os programas de formação do professorado que incluam uma preparação no local. Já que só se consegue dominar as técnicas de ensino mediante a prática, os professores precisarão, não só de explicações sobre métodos, mas também de oportunidade para neles se exercitarem. Tais programas podem equipar os professores com um conjunto de métodos pedagógicos inspirados na pedagogia inaciana, dentre os quais poderão adotar aqueles que forem mais adequados às necessidades dos alunos a seu cargo. Neste sentido, a formação do professorado em nível de colégio ou de Província, faz parte essencial do Projeto Pedagógico Inaciano.
- (92) De acordo com isto, julgamos necessário selecionar e preparar equipes capacitadas para

apresentar esses programas de formação a grupos locais ou provinciais de professores, visando à aplicação do *Paradigma Pedagógico Inaciano*. Neste sentido, já se estão organizando cursos de formação; estes, naturalmente, procurarão adaptar a cada lugar os métodos específicos que sejam coerentes com a pedagogia inaciana proposta.

### **ALGUNS APOIOS CONCRETOS PARA ENTENDER O PARADIGMA**

- (93) Os apêndices deste documento proporcionam uma compreensão mais ampla das raízes da Pedagogia Inaciana, através dos próprios escritos de Inácio (Apêndice I) e no resumo apresentado pelo Pe. Kolvenbach, sobre métodos mais relevantes que caracterizam a educação jesuíta (Apêndice II). Uma breve lista de métodos e processos adequados a cada etapa do *Paradigma Pedagógico Inaciano* (Apêndice III). Os programas de formação deverão orientar e capacitar os professores a praticar e chegar a dominar esses métodos.

### **CONVITE À COOPERAÇÃO**

- (94) Só conseguiremos saber como adaptar e aplicar o *Paradigma Pedagógico Inaciano* à grande



variedade de situações e circunstâncias educativas dos colégios da Companhia no mundo se nos pusermos a trabalhar à luz do Paradigma em nossa interação cotidiana com os alunos, dentro e fora da aula, e descobriremos, através desses esforços concretos, os modos práticos de utilizá-lo para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, esperamos que apareçam em breve muitas propostas úteis e pormenorizadas do *Paradigma Pedagógico Inaciano*; elas se irão enriquecendo com a experiência de professores preparados e experimentados em sua aplicação, dentro de áreas concretas e disciplinas específicas. Todos nós, que labutamos na educação, temos a doce esperança de nos beneficiar com a intuição e as sugestões que nos possam propiciar outros professores.

- (95) De acordo com o espírito inaciano de cooperação, confiamos em que os professores que utilizem o Paradigma Inaciano, partilhem com outros as programações que implementarem nas matérias específicas de suas disciplinas. Por isso, esperamos poder oferecer de vez em quando breves subsídios ilustrativos. Por esta razão, convidamos os professores a enviar-nos breves descrições de como aplicaram o Paradigma Inaciano em matérias específicas a:

The International Center for Jesuit Education  
Borgo S. Spirito, 4  
C.P. 6139  
00195 ROMA — ITÁLIA

## APÊNDICES: ÍNDICE

- (96) ***Apêndice I: Alguns Princípios Pedagógicos Importantes:***

*Anotações Inacianas*

Adaptação das notas introdutórias de Santo Inácio para quem dá os Exercícios Espirituais a outra pessoa. Apontam-se as implicações pedagógicas mais explícitas.

- (97) ***Apêndice II: A Pedagogia Inaciana Hoje***

Discurso do Pe. Peter-Hans Kolvenbach, S.J. aos participantes do grupo de trabalho sobre a A PEDAGOGIA INACIANA: UMA PROPOSTA PRÁTICA.

Villa Cavalletti, 29 de abril de 1993.

- (98) ***Apêndice III:*** Breve lista de métodos e processos adequados para cada uma das etapas do *Paradigma Pedagógico Inaciano*. Os métodos aqui selecionados provêm da tradição educativa da Companhia (Santo Iná-

cio, *Ratio Studiorum*, etc.) ou de métodos pedagógicos desenvolvidos mais recentemente em outros círculos, que sejam coerentes com a *Pedagogia Inaciana*.

*N.B.* Os programas de formação deverão orientar e capacitar os professores a praticar e conseguir dominar esses métodos.

## APÊNDICE I

# ALGUNS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS IMPORTANTES (ANOTAÇÕES INACIANAS)

- (99) A seguir, apresentamos as *Anotações* ou notas orientadoras para o Diretor dos *Exercícios Espirituais*, convertidas em princípios introdutórios da Pedagogia Inaciana:
- (100) 1. Por “aprender”, entende-se qualquer tipo de experiência, reflexão e ação referentes à verdade; qualquer modo de preparar e dispor a pessoa para vencer todos os obstáculos que tolhem a liberdade e o crescimento (*Anotação 1*).
- (101) 2. O professor explica ao aluno o modo e a ordem da matéria e narra os fatos fielmente. Atém-se ao que é importante neste ponto e só acrescenta uma curta ex-

plicação. Motivo disto é que, quando se expõe aos alunos o fundamental, e eles trabalham e refletem sobre isto, descobrem que a matéria torna-se mais clara e se compreende melhor. A clareza provém do seu próprio raciocínio e causa maior sensação de conquista e satisfação do que se o professor houvesse explicado e desenvolvido o significado por extenso. Não é o muito saber que sacia e satisfaz os alunos, mas o sentir e saborear intimamente a verdade (*Anotação 2*).

- (102) 3. Em toda a aprendizagem, usamos do entendimento para raciocinar e da vontade para exprimir o nosso afeto (*Anotação 3*).
- (103) 4. Determinam-se espaços de tempo específicos para o estudo, que via de regra correspondem às divisões naturais da matéria. Contudo não se quer dizer com isto que cada parte deva efetuar-se necessariamente num tempo fixo. Pois pode suceder que alguns sejam mais lentos em alcançar o que se pretende, ao passo que outros sejam mais diligentes e outros tenham mais problemas ou estejam mais cansados. Por isso, pode ser preciso abreviar o tempo em certas

ocasiões e estendê-lo em outras (*Anotação 4*).

- (104) 5. O aluno que começa um estudo deveria fazê-lo com “*grande ânimo e generosidade*”, empenhando livremente toda a sua ação e vontade no que faz (*Anotação 5*).
- (105) 6. Quando o professor repara que o aluno não se sente movido por nenhuma experiência, deveria assediá-lo com perguntas, inquirindo como e quando se dedica ao estudo, examinando a compreensão das instruções, perguntando pelos resultados da reflexão, e pedindo contas (*Anotação 6*).
- (106) 7. Se o professor nota que o aluno está com problemas, deveria conversar com ele pausada e amavelmente. O professor deve animá-lo e confortá-lo com vistas ao futuro, revendo os erros com delicadeza e sugerindo modos de melhorar (*Anotação 7*).
- (107) 8. Se, durante a reflexão, um aluno sente alegria ou desalento, deveria pensar mais detidamente nas causas destes sentimentos. Partilhar esta reflexão com um professor, pode ajudar o aluno a perceber áreas de satisfação ou estímulo, que podem contribuir para seu maior cres-

cimento pessoal ou se não, bloqueá-lo sutilmente (*Anotações 8,9,10*).

- (108) 9. O aluno deveria propor-se a aprendizagem da matéria com que está lidando como se nada mais tivesse de aprender. Não deveria ter pressa em dar conta de tudo. “*Non multa, sed multum*”: “Trata a matéria selecionada em profundidade; não pretendas dar conta de todos os assuntos de determinada área de estudo” (*Anotação 11*).
- (109) 10. O aluno deveria dedicar ao estudo todo o tempo marcado. Vale mais dar um tempo suplementar do que reduzi-lo, mormente quando a tentação de “encurtar”, é forte e custa estudar. Assim, o aluno se acostumará a não se dar por vencido e fortalecer o seu estudo no futuro (*Anotações 12 e 13*).
- (110) 11. Caso o aluno progrida com grande êxito, o professor o aconselhará a avançar com cuidado e menos pressa (*Anotação 14*).
- (111) 12. Enquanto o aluno aprende, convém mais que o que o motiva e dispõe seja a própria verdade. O professor, como fiel da balança, não se inclina mais para uma coisa do que para outra, mas deixa que o aluno se relacione diretamente com a verdade e seja influenciado por ela (*Anotação 15*).

- (112) 13. Para que o Criador e Senhor atue mais fielmente em sua criatura, convirá mais ao aluno trabalhar contra qualquer obstáculo que impeça uma franca abertura à verdade total (*Anotação 16*).
- (113) 14. O aluno deveria informar sinceramente ao professor sobre qualquer problema ou dificuldade que o afetem, para que o processo de aprendizagem possa ser adequado e adaptado às suas necessidades pessoais (*Anotação 17*).
- (114) 15. A aprendizagem deveria ser sempre adaptada à situação do aluno que a realiza (*Anotação 18*).
- (115) 16. (As duas últimas anotações permitem adaptações criativas para adequar-se às pessoas e circunstâncias. Esta disposição para adaptar-se à experiência do ensino e da aprendizagem do ensino e da aprendizagem é extraordinariamente criativa). (*Anotações 19 e 20*).



## APÊNDICE II

# A PEDAGOGIA INACIANA HOJE

Discurso do Pe. Peter-Hans Kolvenbach S.J.,  
aos membros do grupo de trabalho sobre  
“A PEDAGOGIA INACIANA: UMA PROPOS-  
TA PRÁTICA”

Villa Cavalletti, 29 de abril de 1993.

### **CONTEXTO: O HUMANISMO CRISTÃO HOJE**

- (116) Inicialmente, quero situar nossos esforços no contexto da tradição educativa da Companhia. Desde suas origens, no século XVI, a educação jesuíta orientou-se para o desenvolvimento e transmissão de um autêntico humanismo cristão. Este humanismo tem duas raízes: a experiência espiritual específica de Inácio de Loyola, e os desafios culturais, sociais e religiosos da Renascença e da Reforma na Europa.

- (117) A raiz espiritual deste humanismo descobre--se na contemplação final dos *Exercícios Espirituais*. Nela, Santo Inácio leva o exercitante a pedir conhecimento interno de como Deus habita nas pessoas, dando-lhes o conhecimento e plasmando-as à Sua imagem e semelhança, e a considerar como Deus trabalha e opera em todas as coisas criadas, em benefício de cada pessoa. Este conhecimento da relação de Deus com o mundo implica que a fé em Deus e a afirmação de tudo o que é verdadeiramente humano, sejam inseparáveis entre si. Esta espiritualidade habilitou os primeiros jesuítas a se apropriarem do humanismo da Renascença e fundarem uma rede de centros educativos, que significavam uma renovação e respondiam às necessidades urgentes do seu tempo. A Fé e o fomento da “humanitas” trabalhavam de mãos dadas.
- (118) Desde o Concílio Vaticano II, vimos experimentando um novo e profundo desafio que postula uma forma nova de humanismo cristão, com ênfase particular no social. O Concílio afirma que “o divórcio entre a fé que muita gente professa e a realidade de suas vidas no cotidiano merece ser contado entre os erros mais graves de nosso tempo” (GS 43). O mundo se nos depara dividido, fragmentado.

- (119) O problema básico é o seguinte: que sentido tem a fé em Deus, em face da Bósnia e Angola, Guatemala e Haiti, Auschwitz e Hiroshima, as ruas regurgitantes da genter em Calcutá e os corpos destroçados na Praça Tienanmen? Que vem a ser o humanismo cristão, em face dos milhões de homens, mulheres e crianças que morrem de fome na África? Que significa o humanismo cristão em face dos milhões de pessoas arrancadas a seus países pela perseguição e o terror, e obrigados a procurar novas terras estrangeiras? Que significa o humanismo cristão, quando contemplamos os sem-teto que vagueiam por nossas cidades, e o crescente número de marginalizados pela sociedade, que se vêem condenados à desesperança perpétua? Que sentido tem a educação humanista neste contexto? A sensibilidade voltada para a miséria e a exploração dos homens não é simplesmente doutrina política ou sistema econômico. É humanismo, sensibilidade humana que de novo deve ser recuperada em meio aos apelos de nossos dias, e como resultado de uma educação cujo ideal se inspira nos dois grandes mandamentos: amar a Deus e ao próximo.
- (120) Por outras palavras, o humanismo cristão do final do século XX inclui necessariamente o humanismo social. Como tal, compartilha em

grande parte os ideais de outras crenças, de levar o amor a Deus a uma expressão eficaz, à construção no mundo de um Reino de Deus justo e pacífico. Assim como os primeiros jesuítas contribuíram de modo peculiar para o humanismo do século XVI, graças às suas inovações educativas, assim também somos nós chamados hoje a uma tarefa semelhante. Isto requer criatividade em todas as áreas do pensamento, da educação e da espiritualidade. Será fruto de uma pedagogia inaciana a serviço da fé, mediante uma auto-reflexão sobre o sentido pleno da mensagem cristã e de suas exigências em nosso tempo. O serviço da fé e a promoção da justiça por ele implicado são o fundamento do humanismo cristão contemporâneo. Ele é o núcleo da tarefa educativa católica e jesuíta de nossos dias. É o que as *Características da educação jesuíta hoje* chamam de “excelência humana”. É o que pretendemos dizer ao falar que o fim da educação dos jesuítas é a formação de homens e mulheres para os outros, pessoas competentes, conscientizadas e sensibilizadas para o compromisso.

## **RESPOSTA DA COMPANHIA A ESTE CONTEXTO**

- (121) Faz precisamente dez anos, solicitava-se de vários pontos do mundo uma exposição

atualizada dos princípios essenciais da pedagogia jesuíta. Tal necessidade fazia-se sentir, diante das importantes mudanças e das novas normas dos governos que regulam o currículo, a composição do corpo estudantil e outros aspectos similares da nossa Pedagogia, a um número crescente de professores leigos, que não estavam familiarizados com a educação jesuíta; diante da Missão da Companhia na Igreja atual, e especialmente diante do ambiente mutável e cada vez mais desnorteador em que vive e cresce a juventude atual. Nossa resposta foi o documento que descreve as *Características da educação jesuíta hoje*. Mas este documento, cuja acolhida no mundo da educação jesuíta foi excelente, suscitou uma pergunta ainda mais premente. Como? Como transferir-nos de um mero conhecimento dos princípios que hoje norteiam a educação jesuíta para o nível prático da aplicação destes princípios à realidade cotidiana, do intercâmbio — interação — entre professores e alunos? Pois é precisamente neste ponto, no desafio e atuação do processo de ensino-aprendizagem, que estes princípios podem produzir resultados. Este Grupo de Trabalho, do qual sois membros, pesquisa os métodos práticos que dêem resposta à pergunta crucial: como concretizar na aula

*as Características da Educação da Companhia de Jesus? O Paradigma Pedagógico Inaciano* propõe linhas básicas para incorporar na docência o fator crucial da reflexão. Esta proporciona aos alunos a oportunidade de considerar o significado humano e as conseqüências decorrentes do que estudam.

- (122) Em meio a tantas forças desencontradas que lhes reclamam o tempo e as energias, vossos alunos buscam sentido para suas vidas. Sabem que o holocausto nuclear é mais do que um pesadelo de louco. Pelo menos inconscientemente, padecem o medo da vida, num mundo unificado mais pelo equilíbrio do terror que pelos laços do amor. Já são muitos os jovens que se sentiram alvo de interpretações muito cínicas do homem: um amontoado de instintos egoístas, todos a exigir satisfação instantânea; vítimas inocentes de sistemas desumanos, cujo controle lhes fugiu das mãos. Devido às crescentes pressões econômicas que se registram em não poucas regiões do mundo, muitos alunos dos países desenvolvidos vivem na obsessão de fazer carreira e auto-realizar-se, e rejeitam o próprio desenvolvimento humano mais amplo. Como não se sentiriam inseguros? Por baixo de seus medos, contudo, muitas vezes dissimulados por uma atitude de desafio, e por baixo da sua perplexidade devida

às interpretações divergentes sobre o homem, jaz o desejo de uma visão unificadora do significado da vida e deles mesmos. Em muitos países em desenvolvimento, os jovens com quem trabalhais sofrem a ameaça da fome e os terrores da guerra. Querem esperar que a vida humana tenha valor e futuro entre as cinzas da devastação, que é o único mundo que conheceram. Em outros países, onde a pobreza arrasa o espírito humano, os meios de comunicação propalam cinicamente a vida boa em termos de opulência e consumismo. Seria para estranhar que nossos alunos estejam confusos e incertos quanto ao sentido da vida?

- (123) No decorrer do seu ensino secundário, os jovens, eles e elas, têm liberdade para ouvir e explorar (no campo das idéias). Mas não se sentem imersos no mundo. Preocupam-se com as questões profundas, com os “por quê” e “para quê” da vida. Podem sonhar sonhos irrealizáveis e sentir-se atraídos por visões do que poderia ser. A Companhia destinou muitas pessoas e recursos aos alunos do curso secundário, precisamente por terem os olhos postos nas fontes da vida, em algo que ultrapassa “os mais altos níveis acadêmicos”. Não há dúvida de que qualquer professor merecedor de tal nome deva ter fé em seus alunos e deseje

animá-los na procura de ideais elevados. Isto significa que a vossa visão unificadora da vida deve ser excitante e atraente para vossos alunos, estimulando-os ao diálogo sobre os temas que realmente importam. Deve animá-los a assimilar atitudes de profunda e universal compaixão por nossos irmãos e irmãs sofredores, e a se transformarem, eles mesmos, em homens e mulheres de paz e justiça, comprometidos em serem agentes de mudança num mundo que reconhece quão difundida está a injustiça, e quão persuasivas são as forças da opressão, o egoísmo e o consumismo.

- (124) Claro está que essa tarefa não é fácil. Como todos nós em nossos anos “pré-reflexivos”, vossos alunos aceitaram inconscientemente valores incompatíveis com o que realmente conduz à felicidade humana. Mais do que os jovens de gerações anteriores, vossos alunos têm mais “motivos” para se retirarem tristes ao captar o sentido de uma visão cristã da vida, e a mudança fundamental de perspectivas, que exigem o repúdio da imagem da vida folgada, enganosamente brilhante, propalada pelas revistas sentimentais e os filmes baratos. Como talvez nenhuma geração anterior da história, estão expostos ao fascínio das drogas e à fuga da realidade dolorosa que as drogas prometem.



- (125) Esses jovens precisam de confiança, ao encarar o porvir; precisam de força ao se verem às voltas com a própria debilidade; precisam da compreensão e afeto maduros de seus professores de todas as disciplinas, com quem investigam o assombroso mistério da vida. Não nos lembram eles aquele jovem estudante da Universidade de Paris, de há quatro séculos e meio, que Iñigo conquistou e transformou em Apóstolo das Índias?
- (126) Estes são os jovens que sois chamados a moldar, para que se tornem abertos ao Espírito, dispostos a aceitar a aparente derrota do Amor Redentor; em última análise, para chegarem a ser líderes íntegros, dispostos a assumir os encargos mais onerosos da sociedade e ser testemunhas da fé que opera a justiça.
- (127) Insisto por que tenhais confiança em que vossos alunos são chamados a serem líderes em seu mundo; ajudai-os a reconhecer que são respeitados e dignos de apreço. Livres da escravidão da ideologia e da insegurança, iniciados numa visão mais completa do sentido do homem e da mulher, e proporcionai-lhes os meios de servirem a seus irmãos e irmãs, conscientes e profundamente resolvidos a valer-se da própria influência para corrigir injustiças sociais e para que suas vidas, profissional, social, e particular, fiquem imbuídas de valores sólidos. O exemplo de vossa

sensibilidade e preocupação social será para eles poderosa fonte de inspiração.

- (128) Este ideal apostólico, entretanto, precisa exprimir-se em programas práticos e métodos adequados ao mundo real das aulas. Uma das qualidades típicas de Santo Inácio, que se manifesta nos *Exercícios Espirituais*, na Parte IV das *Constituições* e em muitas cartas, é a sua insistência em aliar os ideais mais elevados às maneiras mais concretas de pô-los em prática. Ideal sem meio prático apropriado, soa a ilusão estéril, ao passo que métodos práticos sem visão unificadora resultam em moda efêmera ou ferramenta inútil.
- (129) Um exemplo desta integração do espírito inaciano no ensino pode encontrar-se no *Protepticon* ou *exortação aos professores dos Cursos Secundários da Companhia de Jesus*, escrito pelo Pe. Francisco Sacchini, segundo historiador oficial da Companhia, poucos anos depois da publicação da *Ratio* em 1599. No Prefácio, escreve: “Entre nós, a educação da juventude não se limita a explicar os rudimentos da gramática, mas estende-se ao mesmo tempo à formação cristã”. O Epítome, adotando a distinção entre “instruir” e “educar” (entendido como formar o caráter), estabelece que os professores devem ser devidamente formados nos métodos de instruir e na arte de *educar*. A tradição educativa da

Companhia sempre insistiu em que o critério adequado ao êxito em nossos Colégios não é simplesmente o domínio de proposições, fórmulas, filosofias, etc. A prova consiste nas obras, não nas palavras: que farão nossos alunos com a capacitação que os estudos lhes confere? Inácio estava interessado em que houvesse quem melhorasse os outros, e para este objetivo a erudição não basta. Quem aspira a empregar generosamente o que adquiriu com os estudos deve ser bom e educado. Se não for educado, não terá condições de ajudar o próximo como poderia; e, se não for bom, não os ajudará, ou pelo menos não se pode esperar que o faça consistentemente. Isto supõe que o nosso trabalho educativo deva visar, além do desenvolvimento cognoscitivo, ao desenvolvimento humano, que comporta compreensão, motivação e convicção.

### **DIRETRIZES PEDAGÓGICAS**

- (130) De acordo com o seu objetivo de educar com efetividade, Santo Inácio e seus sucessores formularam diretrizes pedagógicas de caráter geral. Eis algumas:
- (131) a) Inácio acredita que a atitude própria do homem é o assombro à vista do dom di-

vino da criação, do universo e da existência humana. Na sua contemplação da presença de Deus na criação, convida-nos a avançar, para além da análise racional, até a resposta afetiva a Deus, que por nós trabalha em todas as coisas. Descobrimo a Deus em tudo, descobrimo o Seu desígnio de amor a nosso respeito. A imaginação, os sentimentos, a vontade, o entendimento desempenham papel central no enfoque inaciano. A educação da Companhia abrange a pessoa inteira. Nossos colégios devem integrar mais plenamente esta dimensão, precisamente para que seus alunos possam penetrar no sentido da vida, que por sua vez nos pode ajudar a descobrir o que somos e para que existimos. Pode proporcionar-nos critérios para fixar nossas prioridades e tomar decisões em momentos críticos da vida. Por isso privilegiam-se métodos que provocam uma rigorosa pesquisa, compreensão e reflexão.

- (132) b) Nesta aventura de encontrar a Deus, Inácio respeita a liberdade humana. Isto descarta qualquer resquício de doutrinação ou manipulação. Nossa pedagogia deveria equipar nossos alunos para explorarem a realidade, de coração e mente abertos. E neste esforço de honradez, deveria alertar o educando contra a ar-

madilha que se pode ocultar em seus pressupostos e preconceitos, bem como nas redes grosseiras dos valores populares que nos podem cegar para a verdade. A nossa educação estimula igualmente o aluno a conhecer e amar a verdade. Aspira a fazer dele um crítico da sociedade em que vive, tanto positiva como negativamente, para aderir aos valores sadios que lhe são propostos, e rejeitar os falsos.

- (133) A contribuição das nossas instituições à sociedade consiste em incorporar no seu processo educativo um estudo rigoroso e perspicaz dos problemas e preocupações cruciais do homem. Este é o motivo pelo qual os colégios da Companhia devem aspirar a uma elevada qualidade de ensino. Por isso mesmo, estamos falando de algo que dista muito do mundo de facilidades e superficialidades, dos “slogans” ou ideologias, ou das reações puramente emotivas e egoístas; e de soluções momentâneas e simplistas. O ensino e a pesquisa e tudo o que faz parte do processo educativo têm a maior importância em nossas instituições, porque rejeitam e refutam toda visão parcial ou deformada da pessoa humana, em evidente contraste com as instituições educativas que, devido a um conceito fragmentário da especialização, deixam muitas ve-

zes de parte, sem cair na conta, o interesse central pela pessoa humana.

- (134) c) Inácio incute o ideal de um desenvolvimento completo da pessoa humana. Típica é a sua insistência no “magis”, o mais, a maior glória de Deus. Assim, na educação, pede-nos que aspiremos a algo que ultrapasse o adestramento e o saber normalmente verificado num bom aluno. O “magis” não se refere unicamente ao acadêmico, mas também à ação. A nossa formação inclui experiências que nos levam a explorar as dimensões e expressões do serviço cristão como meio de desenvolver nosso espírito de generosidade. Nossos colégios deveriam incluir este traço da visão inaciana em programas de serviço que estimulem o aluno a tentar e por à prova a sua assimilação do “magis”, o que, por sua vez, o induziria simultaneamente a descobrir a dialética da ação e contemplação.
- (135) d) Nem toda a ação, contudo, redundando em glória de Deus. Por isso Inácio nos oferece um meio de descobrir e acolher a vontade de Deus. O “discernimento” desempenha uma função central. Assim, a reflexão e o discernimento devem ser ensinados e praticados em nossas esco-

las, colégios e universidades. Com tantos apelos que nos solicitam de todos os lados, nem sempre é fácil decidir livremente. Raro é descobrir que todos os motivos inclinam para o mesmo lado. Sempre há uma ponderação a ser feita. É aí que o discernimento se torna crucial. O discernimento exige que se recolham os dados e se reflita, distinguindo os motivos que nos movem, ponderando valores e prioridades, analisando as conseqüências, de nossas decisões entre os pobres.

- (136) e) Mais ainda. A resposta ao chamamento de Jesus não nos pode encerrar dentro de nós mesmos; exige que sejamos homens para os outros e ensinemos nossos alunos a serem o mesmo. A cosmovisão de Inácio centra-se na pessoa de Jesus. A realidade da Encarnação vai produzir seu impacto no próprio cerne da educação da Companhia. Pois o fim último e a razão de ser dos colégios é formar homens e mulheres para os outros, à imitação de Cristo Jesus — o Filho de Deus, Homem para os outros por excelência. É assim como a educação da Companhia, fiel ao princípio da encarnação, é humanista. O Pe. Arrupe escreveu:
- (137) Que vem a ser humanizar o mundo, senão pô-lo a serviço da humanidade? O egoísta

não só não humaniza a criação material, mas desumaniza as próprias pessoas. Transformando-as em coisas, ao dominá-las, explorá-las e apropriar-se do fruto do seu trabalho. O trágico é que, ao fazê-lo, o egoísta se desumaniza a si mesmo. Sujeita-se às posses que ambiciona; faz-se escravo delas, deixa de ser pessoa com controle sobre si e se converte em não-pessoa, uma coisa governada por seus desejos e objetivos cegos.

- (138) Hoje, começamos a compreender que a educação não humaniza ou cristianiza automaticamente. Já não acreditamos na idéia de que toda a educação, seja qual for sua qualidade ou objetivo, conduzirá à virtude. Está ficando cada vez mais evidente que, se quisermos ser uma força moral na sociedade, temos de insistir em que o processo educativo se desenvolve num contexto moral. Isto não supõe um plano de doutrinação que abafe a mente, nem implica cursos teóricos, que se detenham numa especulação remota. O que nos falta é um referencial de busca que possibilite o processo de enfrentar os grandes temas e valores complexos.
- (139) f) Em todo este esforço para formar homens e mulheres que se destaquem pela competência, integridade e compaixão, Inácio jamais perdeu de vista a pessoa concreta. Sabia que Deus dá a cada um os



seus talentos pessoais. Disso deriva diretamente um dos princípios gerais da nossa pedagogia, a “*alumnorum, cura personalis*”, um afeto e desvelo pessoal autênticos por cada um dos nossos alunos.

## **O PAPEL DO PROFESSOR É CRUCIAL**

- (140) Num centro educativo jesuíta, a responsabilidade principal da formação, tanto moral como intelectual, recai em última análise, não nos métodos ou em qualquer atividade regulamentada ou extra-escolar, mas no professor, como responsável perante Deus. Um centro da Companhia deve ser uma Comunidade aberta, na qual floresça um relacionamento pessoal autêntico entre professores e alunos. Sem esta relação de amizade, nossa educação perderá de fato a maior parte de sua influência sobre os alunos. Porque uma relação autêntica de confiança e amizade entre professor e aluno é uma condição de grande valor para fomentar um crescimento autêntico na dedicação aos valores.
- (141) Por isso, a *Ratio* de 1591 insiste em que os professores devem conhecer seus discípulos. Recomenda que os estudem detidamente e reflitam em suas qualidades, defeitos e nas implicações de seu comportamento na aula.

Pelo menos algum dos professores, deveria estar bem informado do seu contexto familiar. Os professores devem respeitar, em todas as circunstâncias, a dignidade e personalidade do discípulo. Na aula, aconselha a *Ratio*, os professores deveriam ser pacientes e saber como fechar os olhos a certos erros, ou deixar a correção para um momento psicologicamente oportuno. Deveriam estar muito mais dispostos a louvar do que a censurar e, sendo necessária uma correção, deve ser feita sem rancor. O clima de amizade que se fomenta ao aconselhar o aluno, frequente e casualmente, se possível fora das horas de aula, pode contribuir muito para isto. Esses mesmos conselhos só fazem acentuar o conceito subentendido da natureza do colégio como comunidade, e o papel do professor como crucial dentro da mesma.

- (142) No preâmbulo da Parte IV das *Constituições*, Santo Inácio propõe claramente o exemplo pessoal do professor, antepondo-o à sua ciência ou talento oratório, como meio apostólico para ajudar o aluno a desenvolver-se nos valores positivos. Dentro da comunidade escolar, o professor influirá decisivamente no caráter do aluno, para o bem ou para o mal, de acordo com a imagem de si mesmo que representa. Mesmo em nossos dias, o Papa Paulo VI obser-

va de forma marcante na *Evangelii Nuntiandi* que “os estudantes de hoje não escutam atentamente os professores, mas as testemunhas e, se prestam atenção aos professores, é porque dão testemunho”.

- (143) Como professores de colégios da Companhia, além de serdes profissionais qualificados da educação, deveis ser homens e mulheres do Espírito. Sois a cidade edificada no topo da colina. O que sois fala mais alto do que fazeis ou dizeis. Em nossa cultura da imagem, os jovens aprendem a responder à imagem viva dos ideais que vislumbram no coração. As palavras sobre entrega total, serviço ao pobre, ordem social justa, sociedade não-racista, abertura do espírito, etc. podem fazê-los refletir. O exemplo vivo os arrastará a viver o que as palavras significam. Por isso o crescimento constante no Espírito da Verdade deve conduzir-nos a uma vida de plenitude e bondade tais, que nosso exemplo suponha um desafio para que nossos alunos cresçam como homens e mulheres que sobressaem pela competência, integridade e compaixão.

## **MÉTODOS**

- (144) Inácio aprendeu à própria custa, através de um árduo processo educativo que, para ter

êxito nos estudos, não basta o entusiasmo. São fundamentais a direção que se dá ao aluno e os métodos a que se recorre. Ao folhear as páginas da *Ratio*, nossa primeira impressão é de uma montoeira de normas sobre horários e programas, a cuidadosa graduação das aulas, seleção de autores, diversidade de métodos segundo as várias horas da manhã ou da tarde, correção e qualificação de deveres, o nível exato que um aluno deve atingir para passar de uma classe à seguinte. Mas todas essas peculiaridades são orientadas para criar um entrançado seguro e firme de ordem e clareza, dentro do qual tanto o professor como o aluno possam alcançar sem obstáculo seus objetivos. Menciono aqui unicamente algum dos métodos típicos empregados na educação da Companhia.

- (145) 1. Dado este ambiente de ordem e respeito aos métodos, será relativamente fácil determinar *os objetivos* de ensino precisos e limitados para cada caso individual. Julgava-se que este era o primeiro requisito para uma boa atuação de aprendizagem — saber o que se busca e como buscá-lo. O instrumento característico usado para isto é a *preleção*, na qual o professor prepara com todo o esmero seus alunos para a própria atividade pessoal, que deve vir

em seguida. Só esta pode produzir conhecimentos autênticos e hábitos firmes.

- (146) 2. Mas os objetivos da docência devem ser selecionados e adaptados aos alunos. Os primeiros professores jesuítas acreditavam que até os meninos pequenos podiam aprender muito, caso não os empanturrassem com excesso de matéria dum só vez. Assim, a preocupação do objetivo e do caminho a seguir tinham prioridade, conforme os dotes de cada professor.
- (147) 3. E porque Inácio conhecia bem a natureza humana, dava-se conta de que até numa experiência de oração devidamente ordenada, ou na atividade escolar, não se pode ajudar eficazmente alguém a progredir, se o próprio indivíduo não coopera ativamente. Nos *Exercícios Espirituais*, Inácio destaca a importância da *atividade pessoal* por parte do exercitante. Inácio bem sabia da tendência de todo professor, quer ensine a oração, quer história ou ciências, de expor largamente os próprios pontos de vista sobre a matéria de que trata. Dava-se perfeita conta de que não há aprendizagem sem a atividade intelectual própria de quem deve aprender. Por isso, *consideram-se tão importantes as atividades* em numerosas áreas e no estudo.

- (148) 4. O princípio de atividade pessoal por parte do aluno corrobora as instruções pormenorizadas da *Ratio* sobre *repetições diárias, semanais, mensais, anuais*. O ensino, quanto possível, deveria ser agradável, tanto pelo conteúdo como pelas circunstâncias externas. Um esforço inicial para orientar os alunos acerca da matéria que vai ser tratada provocará seu interesse a respeito dela.
- (149) 5. Dentro desse espírito, os próprios alunos representavam peças teatrais e encenações, para estimular o estudo da literatura, pois "*friget enim poesis sine theatro*"<sup>7</sup>. Também são sugeridos certames, jogos, etc., para que a ânsia do adolescente de se avantajá-lo a progredir no caminho do saber. Estas práticas demonstram um interesse primordial em tornar o estudo interessante, e assim suscitar a atenção e aplicação dos jovens pelo estudo.
- (150) Todos esses princípios pedagógicos estão estreitamente relacionados entre si. A aprendizagem que se pretende conseguir é um autêntico crescimento e se concebe em termos de hábitos ou qualidades permanentes. Os hábitos se adquirem, não simplesmente compreendendo fatos e modos de proceder, mas pelo domínio e assimila-

ção pessoal que os faz próprios. O domínio é resultado de um contínuo esforço e exercício intelectual; mas um esforço assim proveitoso é impossível sem motivação adequada e ambiente humano reflexivo. Nesta cadeia, não há elo particularmente original, embora um dia tivesse novidade a sua forte concatenação.

- (151) Por conseguinte, para auxiliar os alunos a chegarem ao compromisso da ação apostólica, há que oferecer-lhes oportunidades de observar os valores humanos e testar os próprios valores, de modo experimental. Uma assimilação pessoal dos valores éticos e religiosos que estimulem à ação é mais importante que a habilidade em memorizar fatos e opiniões alheias. Cada dia torna-se mais patente que os homens e mulheres do terceiro milênio precisarão com toda certeza de novas aptidões tecnológicas; mas o que mais importa é a vida, e para criticar todos os aspectos dessa vida, primeiro tomar decisões (nos campos pessoal, social, moral, religioso) que deixarão profundos vestígios em *suas* vidas, e para sempre. Os critérios para alcançar tal maturidade (mediante o estudo, a reflexão, a análise, avaliações e desenvolvimento de

---

7. "A poesia sem o teatro murcha"

alternativas reais, baseiam-se inevitavelmente em valores. E isto é certo, muito embora tais valores não se tenham manifestado explicitamente durante o processo de aprendizagem. Na educação jesuíta, os valores do Evangelho, tais como se contemplam nos *Exercícios Espirituais*, são as normas norteadoras de um desenvolvimento humano integral.

- (152) Para alcançar o objetivo, é evidente a importância, quer do método, quer dos conteúdos. Pois um objetivo educacional, orientado como é o nosso para os valores — formar homens e mulheres para os outros — não se poderá alcançar sem que, tendo imbuído deste objetivo todos os nossos programas docentes, em cada nível, apresentemos a nossos alunos este desafio, que consiste em refletir sobre os valores implicados no que estudam. Infelizmente nós aprendemos que a mera assimilação de conhecimentos não humaniza. É de se esperar que implique valores. E que os valores incluídos em muitos aspectos da vida não sejam expostos com muita sutileza. Por isso, urge descobrir meios que capacitem os alunos a adquirir hábitos de reflexão, e assim, poder aquilatar os valores, e suas conseqüências para os seres humanos. Estes valores, que se acham incrustados nas ciências positivas e



humanas que eles estudam, na tecnologia crescente e em todo leque dos programas políticos e sociais que nos impingem políticos e “profetas”. Um hábito não se adquire com atos isolados. Desenvolve-se mediante um exercício permanente e bem planejado. E assim o objetivo de formar hábitos de reflexão deve ser estudado e planejado por todos os professores nos vários níveis dos centros jesuítas, em todas as matérias que se ministram, e adotando métodos apropriados ao grau de maturidade dos alunos nos vários níveis educativos.

## **CONCLUSÃO**

- (153) Hoje, em nossa missão, a pedagogia básica de Inácio nos pode ajudar muito a cativar as mentes e os corações das novas gerações. Pois a pedagogia de Inácio está centrada na formação da pessoa, coração, inteligência e vontade, não exclusivamente do entendimento; provoca os alunos a discernirem o sentido do que estudam, mediante a reflexão, em vez de uma memorização rotineira; estimula-os a se adaptarem, e isto exige em todos nós abertura para o crescimento. Exige que respeitemos as capacidades dos alunos nos vários níveis de seu desenvolvimen-

to; e todo o processo é fomentado por um ambiente escolar de consideração, respeito e confiança, no qual o indivíduo pode enfrentar com toda a honradez a resolução, por vezes dolorosa, de ser humano *com* e para os *outros*.

- (154) Nossos resultados, na certa, não alcançarão o ideal. Mas o que sempre distinguiu a Companhia foi o esforço por conseguir este ideal.
- (155) Caso vos sintais um tanto embaraçados acerca de como podereis apresentar a pedagogia inaciana a professores dos cinco continentes, ficai sabendo que não estais sós. Sabei outrossim que a cada dúvida corresponde uma afirmação. As ironias de Charles Dickens não perderam sua atualidade. “Era o pior dos tempos, o melhor dos tempos, a primavera da esperança, o inverno da desesperação.” A mim pessoalmente alenta muito observar a crescente aspiração existente, e que está muito difundida pelo mundo, de emular os objetivos da educação da Companhia. Bem entendidos, esses objetivos levarão à unidade, não à fragmentação; à fé, não ao cinismo; ao respeito pela vida, não à destruição do nosso planeta; a ações responsáveis, baseadas num juízo moral, não à covarde retirada nem à investida temerária.

- (156) Sem dúvida, sabeis que o melhor de um colégio não é o que dele se diz, mas a vida que seus alunos levam. O ideal da educação da Companhia propugna uma vida racional, íntegra, de justiça e serviço a Deus e ao próximo. Este é o chamamento que Cristo nos faz — chamamento para crescer, para viver. Quem lhe dará resposta? Quem se não vós? Quando, se não agora?
- (157) Concluo lembrando que, quando Cristo se despediu dos seus discípulos, disse-lhes: “Ide e ensinai”. Mas percebeu que, tanto eles como nós somos homens e que, Deus bem sabe, quase sempre nos falha a confiança em nós mesmos. Por isso acrescentou: “Lembraivos de que não estais sós. Não estareis sós, porque eu estarei convosco. No vosso apostolado, tanto nas horas difíceis como nas horas de gozo e euforia, estarei convosco todos os dias, até o fim dos tempos”. Não caiamos na armadilha do pelagianismo, pondo a carga toda em nossos ombros, esquecendo que estamos nas mãos de Deus, trabalhando como instrumentos de suas mãos, na missão que é o ministério de sua Palavra.
- (158) Que Deus vos abençoe neste esforço de cooperação. Espero informações vossas sobre o sucesso do vosso Projeto Pedagógico Inaciano, nas várias regiões do mundo. Obrigado por tudo o que fizerdes.

### APÊNDICE III

## EXEMPLOS DE MÉTODOS PARA AJUDAR OS PROFESSORES NO USO DO PARADIGMA PEDAGÓGICO INACIANO

*N.B.:* Estes e outros intentos pedagógicos, relacionados com a Pedagogia Inaciana, serão explicados e postos em prática nos programas de formação, que são parte fundamental do Projeto da Pedagogia Inaciana.

#### (159) **O CONTEXTO DA APRENDIZAGEM**

1. *O aluno: sua disposição para o crescimento*

a) A situação do aluno: Diagnóstico dos fatores que afetam a disposição do

aluno para o estudo e o crescimento: físicos, intelectuais, psicológicos, sociopolíticos, econômicos, espirituais.

- b) Estilos de aprendizagem do aluno: como planejar um ensino eficaz.
- c) Perfil do crescimento do aluno: uma estratégia para o crescimento.

## 2. *A sociedade*

- a) Leitura dos sinais dos tempos: alguns instrumentos para a análise socio-cultural.

## 3. *O colégio*

- a) O ambiente do colégio: instrumentos de avaliação.
- b) O currículo:
  - Formal/Informal
  - Conteúdos e seqüência: possibilidades interdisciplinares
  - Avaliação de valores
- c) Educação personalizada
- d) Relações escolares entre dirigentes, professores e pessoal auxiliar

4. *O professor*: expectativas e realidades

(160) **A EXPERIÊNCIA**

1. A preleção

- a) Continuidade
- b) Organização
- c) Objetivos claros
- d) Fatores de interesse humano
- e) Contexto histórico da matéria a ser estudada
- f) Pontos de vista / Pressupostos dos autores do livro de texto
- g) Um modelo de estudo

2. A habilidade de perguntar

3. A atividade pessoal do aluno: os apontamentos

4. Solução de problemas/aprender descobrindo

5. Aprendizagem cooperativa

6. Processos em grupo pequeno

7. A emulação

8. Terminar a aula

9. Tutoria entre companheiros

(161) **A REFLEXÃO**

1. Tutoria
2. Diário do aluno
3. “Repetição” de tipo inaciano
4. Estudo de casos
5. Dilemas/Debates/”Role Playing”

(162) **A AÇÃO**

1. Projetos/Tarefas: preocupação pela qualidade
2. Experiências de serviço
3. Redações e perguntas para uma redação
4. Planejamento e Aplicação
5. A escolha de carreira

(163) **A AVALIAÇÃO**

1. Exames: alternativas possíveis
2. Auto-avaliação do aluno
3. Ponderar a variedade de atuações do aluno: a pasta do aluno
4. Reuniões de professores
5. Perguntas para professores
6. Pesquisa sobre o perfil do aluno

